



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E TECNOLOGIAS – DCHT
CAMPUS XVI – IRECÊ-BA
CURSO DE LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURAS

ALEX PORFIRO DA SILVA

**A VARIÁVEL CONCORDÂNCIA VERBAL DE TERCEIRA PESSOA DO PLURAL:
CONTRIBUIÇÕES PARA O PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO DA COMUNIDADE DE
REMANESCENTES QUILOMBOLAS DE LAGOINHA**

Irecê - BA

2021

ALEX PORFIRO DA SILVA

**A VARIÁVEL CONCORDÂNCIA VERBAL DE TERCEIRA PESSOA DO PLURAL:
CONTRIBUIÇÕES PARA O PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO DA COMUNIDADE DE
REMANESCENTES QUILOMBOLAS DE LAGOINHA**

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas e tecnologias – Campus/XVI, para a obtenção do grau de licenciado em Letras Vernáculas.

Orientadora: Prof^a. Ma. Dayane Moreira Lemos

Irecê - BA

2021

ALEX PORFIRO DA SILVA

**A VARIÁVEL CONCORDÂNCIA VERBAL DE TERCEIRA PESSOA DO PLURAL:
CONTRIBUIÇÕES PARA O PERFIL SOCIOLINGUÍSTICO DA COMUNIDADE DE
REMANESCENTES QUILOMBOLAS DE LAGOINHA**

Monografia apresentada à Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas e tecnologias – Campus/XVI, para a obtenção do grau de licenciado em Letras Vernáculas.

Orientadora: Prof^a. Ma. Dayane Lemos

Aprovado em 08 de julho de 2021.

Prof.^a Ma. Dayane Moreira Lemos - UNEB Orientadora

Prof.^a Ma. Eliéte Oliveira Santos - UNEB

Prof.^o Ms. Elias de Souza Santos - UNEB

Aos meus pais, meus avós (*in memoriam*) e aos moradores da comunidade em estudo que tornaram este trabalho possível, dedico.

AGRADECIMENTOS

À Deus, pelo dom da vida, pela presença constante em todas as etapas e por me permitir chegar até aqui.

À professora Dayane Lemos, orientadora dedicada, competente e sempre presente. Foi uma honra tê-la como mentora.

À professora Eliéte Oliveira, por compartilhar dos seus conhecimentos e contribuir de forma direta para a realização dessa pesquisa. Foi uma honra ser seu aluno.

Aos meus pais, Benício e Jacira, por todo apoio, incentivo, amor e cuidado dedicados a mim durante esse período. Eles que, dentro das suas possibilidades, educaram-me formidavelmente.

À minha irmã, Artenizia, pelo apoio e auxílio a mim concedidos nos momentos que mais precisei. Ao meu irmão, Adílio, que sempre esteve ao meu lado nessa caminhada.

Aos meus tios, José Porfirio e Maria de Fátima, por terem aberto a porta da sua casa para me receber, por sempre me incentivar na caminhada, e por todo carinho, amor e afeto a mim depositados.

Aos meus primos, João Marcos e Jacy, pela amizade e incentivo, pelas risadas, pelos momentos em família. Parte da minha energia veio de vocês. Tornamo-nos irmãos.

À Gicilene Vieira, por todo cuidado, auxílio e amor a mim depositados. Mais do que uma amiga, uma mãe.

Aos meus amigos, Aiane, Daniel, Giselma, Neomam e Raiane. A amizade de vocês foi base para a minha constituição enquanto sujeito e profissional. Obrigado por todo apoio, pelas brigas (rs), pelos trabalhos em grupo, pelas risadas. Que nossa amizade seja eterna.

Aos pastores e amigos, Fabrício e Vitória, pelas palavras de incentivo, pelos conselhos, pelas conversas, pelas risadas e, sobretudo, pela companhia e amizade. É bom contar com a amizade de vocês.

Aos professores, técnicos, funcionários da limpeza e colaboradores do UNEB DCHT XVI que contribuíram para que minha formação fosse completa.

Enfim, a todos que contribuíram direta ou indiretamente para a minha formação.

Muito obrigado!

*Não a nós, Senhor, nenhuma glória para nós, mas sim
ao teu nome, por teu amor e por tua fidelidade!*

(Salmos 115:1)

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo analisar a variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na comunidade de remanescentes quilombolas de Lagoinha, localizada no município de São Gabriel, território de identidade de Irecê, centro-norte do estado da Bahia. Conceber a língua sob o olhar da sócio-história é vê-la como sendo uma estrutura multiforme, variada, um instrumento vivo de comunicação estruturado heterogeneamente como forma de possibilitar a produção e compreensão de enunciados entre aqueles que a utiliza para comunicar-se, levando em consideração diversos fatores que fazem parte do seu processo de formação e constituição, apossando-nos do contexto sócio-histórico e dos acontecimentos que contribuíram para a sua origem. Em vista disso, tomamos como base para a realização deste estudo os pressupostos teórico-metodológicos da sociolinguística variacionista de Labov (2008 [1972]), vista como uma teoria que em suas análises leva em consideração, além dos aspectos estruturais da língua, o aspecto social. Para a composição do *corpus*, utilizamos a coleta de dados, valendo-nos de entrevistas gravadas, registros de falas espontâneas de informantes da comunidade de remanescentes quilombolas de Lagoinha. Os referidos áudios foram submetidos à transcrição grafemática, permitindo realizar o mapeamento das ocorrências da variação verbal de terceira pessoa do plural e, logo depois, foram analisados através do método quantitativo de análise, fazendo uso da ferramenta computacional Goldvarb X. Os resultados demonstraram que a comunidade de Lagoinha faz uso da variação verbal de terceira pessoa do plural. Destacando os fatores linguísticos com maior relevância nesta análise, temos a saliência fônica, realização e posição do sujeito e concordância nominal no sujeito. As variáveis sociais sexo e faixa etária foram desconsideradas, estatisticamente, pelo Goldvarb X. Dessa forma, fica evidente que a ocorrência da variável concordância verbal de terceira pessoa do plural é uma realidade presente na comunidade de remanescentes quilombolas de Lagoinha, em decorrência de condicionantes que influenciam o seu favorecimento.

Palavras-chave: português brasileiro; sociolinguística; variação verbal; comunidade remanescente quilombola.

ABSTRACT

This work aims to analyze a variation in the third person verbal agreement of the plural community of quilombola remnants of Lagoinha, located in the municipality of São Gabriel, identity territory of Irecê, north-central of the state of Bahia. To conceive language from the perspective of socio-history is to see it as a multiform, varied structure, a living instrument of communication structured heterogeneously as a way to enable the production and understanding of statements among those who use it to communicate, leading taking into account various factors that are part of the process of formation and constitution of this, taking possession of the socio-historical context and the events that contributed to its origin. In view of this, we took as a basis for this study the theoretical-methodological assumptions of Labov's variationist sociolinguistics (2008 [1972]), seen as a theory that in its analysis takes into account, in addition to structural aspects of language, the aspect Social. For the composition of the corpus, we used data collection, using recorded interviews, records of spontaneous speeches by informants from the community of quilombolas in Lagoinha. These audios were submitted to graphematic transcription, allowing the mapping of the occurrences of the verbal variation of the third person plural and, soon after, they were analyzed through the quantitative method of analysis, using the computational tool Goldvarb X. The results showed that the community of Lagoinha use of third person plural verb variation. Highlighting the most relevant linguistic factors in this analysis, we have the phonic salience, achievement and position of the subject and nominal agreement in the subject. The social variables sex and age group were statistically disregarded by Goldvarb X. Thus, it is evident that the occurrence of the third person plural verbal agreement variable is a reality present in the community of quilombola remnants of Lagoinha, due to conditions that influence their favoring.

Keywords: brazilian portuguese; sociolinguistics; verbal variation; remnant quilombola community.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Localização geográfica limites do território de identidade de Irecê.....	29
--	----

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Composição do <i>corpus</i>	31
Quadro 2 - O fenômeno da concordância verbal quando relacionado ao sujeito simples...	32
Quadro 3 - O fenômeno da concordância verbal quando relacionado ao sujeito composto	32
Quadro 4 - Formas verbais com pronome pessoal de terceira pessoa explícito e sujeito desinencial	40
Quadro 5 - Escala de Saliência Fônica segundo Scherre e Naro (1998)	42

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Variação no uso da terceira pessoa do plural na comunidade quilombola de Lagoinha	40
Tabela 2 -	Não marcação no uso da terceira pessoa do plural em função da saliência fônica	43
Tabela 3 -	Não marcação no uso da terceira pessoa do plural em função da realização e posição do sujeito no corpus da comunidade de Lagoinha	44
Tabela 4 -	Não marcação no uso da terceira pessoa do plural em função da concordância nominal no sujeito no corpus da comunidade de Lagoinha	46
Tabela 5 -	A frequência de uso da concordância e não concordância verbal de P6 na variável sexo no corpus da comunidade de Lagoinha	48
Tabela 6 -	A frequência de uso da terceira pessoa do plural em função da faixa etária na comunidade de Lagoinha	49

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Frequência de uso da concordância e da não-concordância verbal de terceira pessoa do plural nos trabalhos de Silva (2005) e Almeida (2006)	41
---	----

SUMÁRIO

1	CONSIDERAÇÕES INICIAS	14
2	A FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS NO BRASIL: UM PROCESSO MARCADO PELA HETEROGENIA LINGUÍSTICA	16
2.1	HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO	17
2.2	TRANSMISSÃO LINGUÍSTICA IRREGULAR: DELIMITAÇÕES PRELIMINARES	19
2.3	CONSTITUIÇÃO DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS: BREVE HISTÓRICO ..	21
3	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS	23
3.1	BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA .	23
3.2	CONSTITUIÇÃO DO <i>CORPUS</i> E ANÁLISE DOS DADOS.....	27
3.2.1	<i>Locus</i> da pesquisa	28
3.2.2	Amostragem	30
4	O FENÔMENO EM ESTUDO	31
4.1	A CONCORDÂNCIA VERBAL SOB O OLHAR DA GRAMÁTICA NORMATIVA .	32
4.1.2	A concordância verbal sob a perspectiva funcional	35
4.2	A OCORRÊNCIA DA VARIÁVEL CONCORDÂNCIA VERBAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO: BREVES INCURSÕES	37
5	DESCRIÇÃO DAS VARIÁVEIS E ANÁLISE DOS DADOS	38
5.1	A VARIÁVEL DEPENDENTE	39
5.2	A VARIÁVEL SALIÊNCIA FÔNICA	41

5.3	REALIZAÇÃO E POSIÇÃO DO SUJEITO	43
5.4	CONCORDÂNCIA NOMINAL NO SUJEITO	45
5.5	VARIÁVEL SOCIAL SEXO	47
5.6	VARIÁVEL SOCIAL FAIXA ETÁRIA	48
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
	REFERÊNCIAS	53

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A língua se estabelece como um instrumento vivo de comunicação estruturado heterogeneamente como forma de possibilitar a produção e compreensão de enunciados entre aqueles que a utiliza como forma de comunicar-se. Ao iniciar o estudo de uma língua, devemos levar em consideração diversos fatores que fazem parte do seu processo de formação e constituição, apossando-nos do contexto sócio-histórico e dos acontecimentos que contribuíram para a sua origem.

Entender a nossa língua sob o olhar da sócio-história é vê-la como sendo uma estrutura heterogênea, na qual, com a vinda dos portugueses para o Brasil, misturou-se línguas e culturas, haja vista a existência de indígenas que aqui habitavam, intensificando essa heterogenia através do tráfico negreiro, onde eram trazidos escravizados africanos dos diversos países da África, significando um grande afluente para a vinda de várias línguas e povos. Ratificando o que foi supracitado, Matos e Silva (2004) afirma que a língua portuguesa deve ser entendida a partir de sua história, levando em consideração as fortes influências sofridas no período colonial, atribuindo relevância às vozes dos indígenas e africanos que muito contribuíram para formação do português brasileiro, como também para esse seu traço heteróclito.

Essa dissimilaridade é o que impulsiona diversos estudiosos a buscarem e examinarem os impactos de tais variações e mudanças, visto que “[...] a língua, longe de ser um organismo, é um produto social, é uma atividade do espírito humano” (SILVA NETO, 1963, p. 17). Com isso, pode-se perceber que a variação linguística pode ser entendida como as distintas formas de uso da língua, tendo como uma de suas correntes teóricas a Sociolinguística, que busca explicações para os processos linguísticos a partir das variantes que integram as estruturas da sociedade e a evolução da língua dentro desse contexto social.

Assim, a partir do *corpus* oral da comunidade de remanescentes quilombolas de Lagoinha, São Gabriel/BA, busca-se investigar a variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural, no tentame de apontar as motivações linguísticas, históricas e sociais para que tal variação aconteça na comunidade em estudo, bem como traçar paralelos/discussões com pesquisas já realizadas sobre o fenômeno, objeto de estudo desta monografia.

No que diz respeito ao âmbito acadêmico, o presente trabalho justifica-se por além de realizar um estudo relacionado a plurivalência da língua, trazer consigo informações sobre a história da comunidade de remanescentes quilombolas de Lagoinha, sobretudo sabendo que

ela se encontra no sertão nordestino, interior do estado da Bahia, havendo uma grande escassez de pesquisas linguísticas na região.

O trabalho está dividido da seguinte maneira: No capítulo 1, apresentamos as considerações iniciais. No capítulo 2, intitulado *A Formação do Português no Brasil: Um processo marcado pela heterogenia linguística*, apresentamos um panorama histórico acerca da formação da língua portuguesa no Brasil, discorrendo sobre algumas concepções linguísticas e correlacionando aos fatores históricos responsáveis por contribuir para que a nossa língua adquirisse esse traço heteróclito.

No capítulo 3, denominado de *Pressupostos teóricos e metodológicos*, trazemos o aporte teórico utilizado, bem como as metodologias desenvolvidas durante o processo de realização da pesquisa. Para a sua efetivação, usa-se como base a Sociolinguística variacionista de William Labov (2008 [1972]), perpassando por questões metodológicas que envolvem a caracterização do *locus* e *corpus* da pesquisa, bem como os fatores linguísticos e sociais a serem tratados na análise.

No capítulo 4, intitulado *O Fenômeno em Estudo*, apresentamos a concordância verbal sob o olhar da gramática normativa e sob a perspectiva funcional, além de tratar da ocorrência da variável concordância verbal no português brasileiro.

No capítulo 5, intitulado como *Descrição das variáveis e análise dos dados*, apresentamos as variáveis e, concomitantemente, fazemos a análise do *corpus* em estudo, com base nos resultados estatísticos tratados pelo programa Goldvarb X, atentando-nos para os fatores de ordem linguística e social que resultaram nesse tipo de variação verbal, traçando paralelos com outras pesquisas já realizadas.

Nas *considerações finais*, expomos os resultados alcançados e apresentamos as principais contribuições deste trabalho para os estudos linguísticos, em especial, no âmbito do território de Irecê, através de suas comunidades de remanescentes quilombolas.

2 A FORMAÇÃO DO PORTUGUÊS NO BRASIL: UM PROCESSO MARCADO PELA HETEROGENIA LINGUÍSTICA

Falar da Língua Portuguesa no Brasil é falar de uma língua que se formou a partir da junção de várias outras. A língua é dinâmica, e pensar essa dinamicidade é levar em consideração que ela está em constante processo de renovação, afinal, ela acompanha o processo de evolução da sociedade e se modifica à medida que a sociedade também se modifica. A partir da inserção de novos significados às palavras, processo de neologismo, dialetos diversos, é que a língua recebe essa característica, pois estamos incorporados a uma sociedade ativa que adapta esses signos linguísticos aos processos de comunicação, resultando na variação linguística.

O português brasileiro é uma língua que se caracteriza pela diversidade dialetal, como afirma Mattos e Silva (2004), além de apresentar um caráter heterogêneo, ele tem uma história de contatos linguísticos que podem ser melhor compreendidos ao buscarmos entender o processo de formação da nossa língua, pois esta surgiu a partir do encontro linguístico com línguas que foram adulteradas por vários cruzamentos, principalmente aqueles vivenciados no período colonial.

Para se entender o processo de formação da história linguística brasileira, é importante compreender como se deu o transcurso da relação sócio-histórica e linguística, afinal esta é uma língua nascida do encontro da “língua adulterada de negros e índios” (SILVA NETO, 1963, p. 21), revelando assim que o processo de heterogenia linguística pode ser encarado como elemento basilar para as mudanças ocorridas na língua.

Nessa conjuntura, faz-se necessário perceber como a língua portuguesa chegou ao Brasil e qual o processo utilizado para que ela se constituísse e fosse inserida. Cabe, portanto, compreendermos como se deu esse contato entre as línguas de base portuguesa, indígenas e africanas, sem nos esquecermos de avaliar como os agentes dessas línguas foram conduzidos na história social do país, nas relações de poder político e econômico, e o quanto ainda permanecem marcadas pelos impactos e fissuras observáveis na língua falada atualmente.

Presentemente a língua corrente no país é a portuguesa; os instruídos a falam muito bem; porém entre os rústicos ainda corre um certo dialeto, que, enquanto a mim, é o resultado da mistura das línguas das diversas nações [...]. (SILVA NETO, 1963, p. 90 *apud* LUCCHESI; BAXTER; RIBEIRO, 2009, p. 53).

É inegável que a formação do português brasileiro se deu através do contato massivo com outras línguas, povos e culturas, o que contribuiu para que a nossa língua se tornasse

única. Dessa forma, é preciso pensar na língua como viva e dinâmica, sendo assim um produto de alterações e influências ao longo do tempo. Nesse sentido, apresentamos a seguir uma breve discussão sobre a *história do português brasileiro*.

2.1 HISTÓRIA DO PORTUGUÊS BRASILEIRO

No que diz respeito à história da língua portuguesa no Brasil, deve se levar em consideração fatores de ordem histórico-geográfica, linguísticos e sociais, tendo em vista o grande contingente de línguas que aqui já estavam estabelecidas e as que para cá vieram no período colonial e pós-colonial. Com isso, busca-se ainda que de maneira superficial, tratar de tais questões com o intuito de melhor compreender o processo histórico da língua portuguesa no Brasil.

Falar da história da língua portuguesa no Brasil é falar do multilinguíssimo que aqui se estabeleceu nos primeiros séculos da colonização portuguesa. Fontes de um levantamento realizado por Serafim da Silva Neto (1986), publicado em sua obra *Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil*, revela claramente o predomínio quase absoluto de uma “língua geral”, que segundo Silva Neto, seria um pidgin ou coiné simplificado de origem tupi. Para Silva Neto, todos os povos que aqui habitavam, indígenas das mais diferentes tribos, europeus e africanos, sabiam se comunicar através desse sistema linguístico, seja em maior ou menor proporção, cada um segundo as suas próprias especificidades variacionais.

Segundo Naro e Scherre (2007), na época dos primeiros contatos dos portugueses com o Brasil, início de 1500, eles já haviam desenvolvido, em Portugal, uma estratégia para estabelecer comunicação com estrangeiros. Esse sistema verbal foi utilizado durante muito tempo nas explorações realizadas na região da África Ocidental e com colonos espanhóis. Denominado de “língua de preto”, esse sistema linguístico apresentava uma gama de traços de variação pidginizantes, demonstrando que a estrutura gramatical pode ser independente do vocabulário.

A partir do século XVIII, entretanto, a língua portuguesa começa a se espalhar entre a população brasileira até chegar à situação atual do seu predomínio maciço, mesmo entre populações com pouca ou nenhuma ascendência lusa (*cf.*, também, RODRIGUES, 1983). (NARO; SCHERRE, 2007, p. 28).

Não temos muitas informações acerca da situação linguística dos primeiros africanos chegados a esta terra, mas sabe-se que falavam línguas africanas e que com o tempo, em maior ou menor grau, adquiriram conhecimentos relacionados a língua geral ou ao português.

O panorama linguístico dos primeiros séculos da colonização portuguesa no Brasil é o de agremiações em que as línguas faladas pelos diversos povos que ali habitavam se influenciavam entre si, sobretudo no que diz respeito ao processo de aquisição de uma segunda língua por falantes adultos provenientes de outros grupos étnicos.

O processo de implantação da língua portuguesa na terra do Pau Brasil se deu através de uma conjuntura longa e invasiva, principalmente no que se refere a relação do colonizador e colonizado, causando assim um período marcado por muitos conflitos, onde diversas tribos foram destruídas e seus tribalistas mortos.

Conflitos interétnicos existiram desse sempre, opondo as tribos indígenas umas às outras. Mas isso se dava sem maiores consequências, porque nenhuma delas tinha possibilidade de impor sua hegemonia às demais. A situação muda completamente quando entra nesse conflito um novo tipo de contendor, de caráter irreconciliável, que é o dominador europeu e os novos grupos humanos que ele vai aglutinando, avassalando e configuram como uma macroetnia expansionista. (RIBEIRO, 1995, p. 153).

Entre os anos de 1500 e 1889 o quantitativo de línguas presentes no Brasil era altíssimo, de acordo com os dados de Venâncio (2007, p. 361). Os portugueses, com o intuito de marcar sua hegemonia linguística, proíbe através do decreto do Marquês de Pombal, em 1757, a utilização das línguas gerais em todo o território brasileiro.

Com isso, os indígenas e africanos da colônia estavam proibidos de usar suas línguas de origem, pois o decreto impedia o uso das línguas nativas, fazendo com que a língua portuguesa se adequasse a situações emergenciais. Assim, hipoteticamente, “[...] ao desembarcar no Brasil o negro novo era obrigado a aprender o português para falar com os senhores brancos com os mestiços e com os negros crioulos, e a língua geral [africana] para se entender com os parceiros ou companheiros de escravidão” (NINA RODRIGUES, 2004[1935], p. 147).

Podemos notar, dessa forma, que a história da língua portuguesa no Brasil, foi uma luta de poder de dominadores e dominados, o que, certamente, influenciou na construção do denominado português brasileiro, por isso a importância de estudos nessa perspectiva, já que, como ressalta Cunha (1981, p. 23),

é este conhecimento que nos falta do português do Brasil. Cumpre-nos, pois, estudar a realidade presente, não só por ela mesma, nem apenas para dela partimos em busca de uma reconstrução do passado, mas principalmente, para com ela orientarmos, planejarmos o nosso futuro.

Com isso, vê-se que os estudos relacionados a língua e a sua história são amplos, como afirma Vivian Meira (2009, p. 32) “falar, portanto, de uma língua é falar da história da

sociedade onde ela é falada, o que não seria diferente com a língua portuguesa chegada ao Brasil no século XVI”. A língua tem o seu funcionamento a partir da sociedade por onde ela é influenciada, e seus usuários atribuem a ela novos significados e valores, concedendo-lhe um caráter dinâmico e inovador. Pensando nisso, adentraremos a seguir em algumas delimitações a respeito da transmissão linguística irregular, esta que, por sua vez, trata do contato entre povos de línguas diferentes, correlacionando aos fatos históricos que possam justificar alguns processos de mudanças ocorridos na língua.

2.2 TRANSMISSÃO LINGUÍSTICA IRREGULAR: DELIMITAÇÕES PRELIMINARES

A formação do português brasileiro se deu, entre outros, através de um processo de multilinguístico, ou seja, da coexistência de diferentes sistemas linguísticos presentes nas comunidades coloniais que aqui se desenvolveram. Dentro dessa macroestrutura linguística, destaca-se como hipótese no processo de constituição da nossa língua a transmissão linguística irregular.

Dante Lucchesi e Alan Baxter (2009, p. 101) definem transmissão linguística irregular como sendo “processos históricos de contato maciço entre povos falantes de línguas tipologicamente diferenciadas”. Essa hipótese de Lucchesi e Baxter (2009) leva em consideração a ação do colonialismo europeu, em que nas diversas formas de dominação instituídas por eles, era imposta a língua do grupo dominante, chamada de língua de superstrato, em que os falantes das outras línguas, na maioria dos casos adultos, eram obrigados a adquirir a nova língua, estando sujeitos as mais distintas formas de aprendizado. Foi através desse processo que se originaram as variações, favorecendo assim a construção de modelos para a aquisição da língua materna para as novas gerações de falantes, na medida em que os grupos dominados vão abandonando as suas línguas nativas (LUCCHESI; BAXTER, 2009).

Ainda no que tange a transmissão linguística irregular, Lucchesi e Baxter (2009, p. 101, grifo dos autores) pontuam que:

Tal processo de nativização da língua dominante ocorre de maneira irregular no sentido de que os dados linguísticos primários de que as crianças que nascem nessas situações dispõem para desenvolver a sua língua materna provêm praticamente de versões de segunda língua desenvolvidas entre os falantes adultos das outras línguas, que apresentam lacunas e reanálises em relação aos seus mecanismos gramaticais. Tal processo diferencia-se da situação de transmissão geracional normal das línguas humanas, em que as crianças dispõem de dados linguísticos mais completos fornecidos pela língua materna dos seus pais. Dessa forma, o processo de transmissão linguística irregular pode conduzir à formação de uma língua

historicamente nova, denominada **língua crioula**, ou à simples formação de uma nova variedade histórica da língua de superstrato, que não deixa de apresentar processos de variação e mudança induzidos pelo contato entre línguas.

As raízes históricas por trás da transmissão linguística irregular levantam a hipótese de que o processo de variação existente no português brasileiro está diretamente ligado às questões de contato linguístico entre os povos das mais distintas etnias.

Pensando nesse processo de transmissão linguística irregular, é possível nos depararmos com alguns mecanismos de expansão linguística envolvidos nesse processo, sobretudo no que diz respeito a reestruturação ocorrida na estrutura da língua, a saber, a gramaticalização e a transferência funcional. Em se tratando do processo de gramaticalização ocorrido na língua em decorrência da transmissão linguística irregular, Lucchesi e Baxter (2009, p. 114) afirmam que:

[...] desempenha igualmente um papel de grande importância nos processos de pidginização/crioulização. A perda de matéria gramatical que se dá no momento do estabelecimento da situação de comunicação emergencial cria as condições bastante favoráveis à gramaticalização, num nível muito superior ao que se observa na história de variedades linguísticas que não passaram por situações de contato massivo, abrupto e radical.

Assim, esse contato linguístico forma uma recomposição gramatical da variação da língua, sendo responsável por tal recomposição a ampliação das funções dos itens gramaticais da língua de superstrato incorporados na língua emergente, que futuramente, se tornará a língua de uso da comunidade. Além disso, há ainda a utilização de itens lexicais como forma de expressar as relações gramaticais. No que diz respeito à ampliação dos itens gramaticais,

[...] encontram-se processos em que uma palavra gramatical assume, ao lado de sua função original, uma função ainda mais abstrata na estrutura da língua, como os demonstrativos *kel* (derivado do português *aquele*) e *se* (derivado do português *esse*), que podem eventualmente funcionar como artigo definido nos crioulos portugueses de Cabo Verde e São Tomé, respectivamente (LUCCHESI, 1993, *apud* LUCCHESI; BAXTER, 2009, p. 114).

Os estudos relacionados a língua são extensos, por isso, há uma gama de teorias com abordagens distintas sobre determinada temática abordada. Os teóricos Anthony Juius Naro e Maria Marta Pereira Scherre (2007) não comungam da ideia de que tenha ocorrido transmissão linguística irregular no processo de formação da nossa língua, defendendo a ideia da *deriva secular*¹.

¹ Tomando como base os estudos desenvolvidos por Scherre e Naro (2003; 2007), a hipótese da *Deriva Secular* consiste no entendimento de que o português falado no Brasil seria uma variação do português arcaico, “com pequenas alterações”, considerando-se a inexistência, até os dias atuais, “de características do português do Brasil que não tenha um ancestral claro em Portugal” (2007, p. 13).

Para melhor compreendermos a influência histórica das línguas africanas dentro do processo de formação da nossa língua, bem como do surgimento da variação, objeto de estudo deste trabalho e conteúdo das discussões do Capítulo 4, traçaremos a seguir um breve histórico acerca da constituição das comunidades quilombolas.

2.3 CONSTITUIÇÃO DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS: BREVE HISTÓRICO

No que diz respeito ao processo histórico de formação e constituição das comunidades remanescentes de quilombo no Brasil, deve-se levar em consideração a história da nossa própria constituição enquanto nação. Nas terras do Pau Brasil, a formação dos quilombos tem forte ligação com a fuga de escravizados da repressão dos seus senhores, onde levavam uma vida sub-humana, submetidos a jornadas cruéis de trabalho. Nas palavras de Funari (1996, p. 27), “os africanos no novo mundo foram submetidos a sacrifícios inomináveis”.

Pensar na constituição das comunidades quilombolas no Brasil é pensar, sobretudo, em um lugar de resistência e luta, mas também pensar na riquíssima herança linguística deixada pelos povos que habitaram/habitam esses locais. A identidade linguística brasileira foi profundamente marcada pela influência afrodescendente. Castro (2001, p. 129) nos afirma que

o influxo de línguas negro-africanas no português do Brasil não se limitou aos aportes de vocabulário, porque foi mais profundo do que se admite como parte do processo de configuração do perfil da língua falada no Brasil e das diferenças que a afastaram do português falado em Portugal [...]. O grau de resistência oferecido à mudança e à integração pelos diferentes povos africanos que foram transplantados para o Brasil durante a escravidão é decorrente de fatores históricos, sociais e econômicos que lhes foram mais ou menos favoráveis e não devido à superioridade de uma determinada cultura sobre outras, como se tem pretendido [...].

Sabe-se que a língua é uma ferramenta de poder, por isso, durante muito tempo, fruto de preconceitos construídos e enraizados, os africanos trazidos para a Terra de Santa Cruz foram considerados seres “inferiores”, junto à eles, a sua cultura e sua língua também foram estigmatizados. Na atualidade, graças aos estudos e pesquisas realizadas no âmbito histórico, linguístico e sócio-histórico, pôde-se perceber a importância que os negros exerceram para a formação da língua portuguesa no Brasil e para a disseminação da cultura, sobretudo nas comunidades remanescentes de quilombo.

A escravidão negra africana, vivenciada com muita intensidade no Brasil entre os séculos XVI e XIX, contou com o tráfico de milhões de africanos, no qual foram forçados a

saírem de sua terra e deixar seus familiares, sendo vendidos como animais. Desse modo, na tentativa de buscar melhores condições de sobrevivência, muitos negros escravizados conseguiam fugir. Desta maneira, pode-se concluir que

[...] onde houve escravidão houve resistência. E de vários tipos, mesmo sob a ameaça do chicote, o escravo negociava espaços de autonomia com os senhores ou fazia corpo mole no trabalho, quebrava ferramentas, incendiava plantação, agredia senhores e feitores, rebelava-se individual ou coletivamente. Houve, no entanto, um tipo de resistência que poderíamos caracterizar como a mais típica da escravidão- e de outras formas de trabalho forçado. Trata-se da fuga e formação de grupos de escravos fugidos. A fuga nem sempre levava a formação desses grupos. Ela podia ser individual ou até grupal, mas os escravos terminavam procurando se diluir no anonimato da massa escrava e de negros livres. (REIS; GOMES, 1996, p. 9).

Ratificando o que foi explanado por Reis e Gomes (1996), os negros escravizados se refugiavam na mata na tentativa de evadir-se do trabalho escravo, em que, nas palavras de Moura (1984) era considerado quilombola o grupo de fugitivos que tinham cinco ou mais negros juntos, tornando assim o quilombo uma forma de resistência e luta. Apresentando tamanhos distintos, amálgama de línguas, tipos diferentes de cultivo de alimentos, eram nesses quilombos que os negros afugentados conseguiam se organizar politicamente e religiosamente longe de toda perseguição e opressão.

Apesar de viverem unidos com outros negros fugitivos, pode-se concluir que os quilombolas viviam em constante situação de alerta, afinal, utilizando-se de pífias comparações, o quilombo poderia ser encarado como sendo um estado independente do Estado colonial, algo que certamente a alta sociedade da época abominaria. Com isso, vale mencionar aqui um dos grandes símbolos de resistência negra do período em questão: o Quilombo dos Palmares.

O quilombo dos Palmares se tornou um grande símbolo de força, resistência e territorialidade no período colonial, onde seu líder, Zumbi, lutou para preservar e ampliar os direitos das comunidades tradicionais. Apesar disso, tais conflitos se mantiveram por anos e, assim como outros quilombos, Palmares foi destruído e muitos dos quilombolas ali residentes assassinados. Zumbi, líder do quilombo do Palmares, segundo os dados históricos, morreu em 20 de novembro, data hodiernamente utilizada para celebrar o dia da consciência negra. Gomes (2008, p. 451) nos diz que

Para além de Palmares e toda a sua tradição de liberdade que atravessou o final do século XVI até o primeiro quartel do século XVIII, outras tradições de formação de comunidade de escravos fugidos surgiram em contextos diferentes do Brasil colonial. Assim como Palmares, assustaram sobremaneira as autoridades metropolitanas e coloniais. A memória de Palmares, além de ficar gravado na mente das autoridades e senhores na virada dos setecentos, proporcionou mudanças na Legislação escravista para a repressão dos quilombos e fugitivos.

Nos dias de hoje, ainda que a realidade dos quilombos tenha mudado sobremaneira se comparado ao século XIX, reiterando que boa parte das comunidades em questão se encontram “antenas” para a modernidade, não estando isoladas dos grandes centros urbanos, o que é uma realidade da comunidade em estudo, Lagoinha, muitos desses quilombos ainda são oprimidos, enfrentam preconceitos, lutam para conseguirem seus direitos de reconhecimento de terras. Em 2003, o então presidente Luís Inácio Lula da Silva assinou o Decreto 4.887, possibilitando a identificação e a demarcação dos territórios como remanescentes quilombolas, sem dúvidas uma grande ajuda para os moradores dessas comunidades tradicionais e de fundo de pasto.

Munidos das informações supramencionadas, acerca da constituição das comunidades remanescentes quilombolas/quilombos, adentremos agora às discussões sobre o processo de variação em curso na nossa língua, tratando dos pressupostos teóricos e da metodologia utilizada para o desenvolvimento desta pesquisa.

3 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS E METODOLÓGICOS

Durante muito tempo acreditou-se que a língua deveria ser estudada tomando como base as suas características internas e as relações existentes entre elas, levando-nos a encará-la, hipoteticamente, como um sistema de signos homogêneo e inflexível. Com o passar dos anos, graças aos avanços nas pesquisas, começou-se a ampliação dos estudos da variação linguística, oportunizando o surgimento da Sociolinguística, a qual compreende que a constituição da nossa língua está diretamente relacionada com o processo de contato linguístico ocorrido no período da colonização, devendo esta ser vista como uma língua resultante desse contato com línguas e culturas distintas.

Desse modo, a Sociolinguística busca suplementar alguns hiatos existentes na relação entre língua e sociedade, através da análise das variáveis sociais e linguísticas. Com isso, neste capítulo, apresentaremos breves considerações acerca da sociolinguística variacionista de William Labov (2008 [1972]), destacando, sobretudo, àquelas que se relacionam com a língua, acentuando ainda as que dialogam diretamente com as discussões relacionadas a concordância verbal no português brasileiro, na tentativa de explicar a ocorrência de tal fenômeno em amostras de falas de moradores da comunidade de remanescentes quilombolas de Lagoinha.

3.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

A Sociolinguística variacionista tem o seu surgimento datado no século XX, mais especificamente na década de 60, nos Estados Unidos da América, vista como uma teoria que em suas análises leva em consideração, além dos aspectos estruturais da língua, o aspecto social. Seu surgimento se deu em contraponto a alegoria da homogeneidade linguística admitida pela corrente formalista – estruturalismo e gerativismo.

O principal representante da sociolinguística é o linguista estadunidense William Labov, responsável por desenvolver e difundir o propósito teórico-metodológico da sociolinguística. Os estudos desenvolvidos por Labov trouxeram relevantes contribuições para os estudos sociolinguísticos desenvolvidos atualmente, além de serem utilizados teoricamente para a quebra de argumentos preconceituosos, inerentes a fatores externos à língua.

A Sociolinguística é essa relação\ligação da língua com a sociedade, levando-nos a entendê-la como sendo uma ciência autônoma que atua na relação da fala com a sociedade, a

partir do contexto, cultura, modos, costumes, tradição, investigam as variações, os fenômenos e os processos de mudança. Dessa forma, cabe ressaltar que

[...] a diversidade linguística em nosso país foi comumente encarada com visões preconceituosas, visto que a constituição da nossa língua está ligada a história dos diferentes povos, que entraram em contato na colonização de nosso povo. Por isso, para se compreender o porquê do português do Brasil apresentar traços distintos dos de além-mar, se faz necessário observar o contexto sócio linguístico no qual ele foi implantado, ou seja, a diversidade linguísticas brasileira deve ser compreendida como resultado do convívio, na colonização de diferentes povos, com suas próprias línguas e culturas. (MEIRA, 2009. p. 32).

Ao refletir sobre a natureza da linguagem humana, Labov (2008 [1972]) chega à conclusão de que esta deve ser vista sob o prisma do caráter social dos fatos linguísticos e da variabilidade, colocando-os como características essenciais desse tipo de linguagem. Com isso, ele toma para si uma via alternativa àquelas seguidas pela maioria dos linguistas da época, expondo uma teoria consistente que abarca a heterogeneidade linguística presente na fala (parole), designando-a como objeto de estudo, algo, até então, deixado de lado pela linguística estruturalista e gerativista. Vale salientar que, neste caso, a fala deve ser vista como:

[...] a língua falada é o vernáculo: a enunciação e expressão de fatos, proposições, ideias (o que) sem a preocupação de como enunciá-los. Trata-se, portanto, dos momentos em que o mínimo de atenção é prestado à língua, ao como da enunciação. Essas partes do discurso falado, caracterizadas aqui como o vernáculo, constituem o material básico para a análise sociolinguística. (TARALLO, 1986, p. 19).

Ao considerar o caráter social e a variabilidade como sendo essenciais às línguas, Labov (2008 [1972]) institui um questionamento basilar de forma a saber quem é esse falante e, concernente a isso, dá a entender que se observarmos e analisarmos a sua fala conseguiremos informações ímpares compartilhadas na forma de comunicar-se com o outro, a saber: a sua comunidade de fala, sua origem, classe social, sexo, nível de escolaridade, sua idade.

Desse modo, a teoria de Labov (2008 [1972]) esclarece que existem vários fatores que influenciam no funcionamento da língua. Como afirma Tarallo (1986, p. 25), “[...] para que os sistemas mudem, urge que eles tenham sofrido algum tipo de variação”, estudar a língua no seu uso real, sabendo que a língua é heterogênea, e que ao mesmo passo que a sociedade muda, ela, como produto social, também sofre variações e mudanças em diferentes níveis – morfológico, sintático, fonológico, lexical.

Referindo-se ao estudo da mudança linguística, Weinreich, Labov, Herzog (1968) propuseram cinco indagações ou reverses utilizados no processo de investigação, são eles:

restrição, transição, encaixamento, avaliação e implementação. Segundo a visão dos autores supracitados, a restrição está relacionada com as circunstâncias, sejam elas linguísticas ou extralinguísticas, intrínsecas no processo que podem suceder-se na mudança em questão. A transição, por sua vez, se relaciona ao percurso que delimita a trajetória do fenômeno até chegar à possível situação de mudança. Essa mudança, no entanto, deve estar estritamente relacionada ao sistema linguístico e social da comunidade de fala em que o fenômeno em questão está em estudo, configurando assim o problema do encaixamento. A avaliação é a forma como os falantes vêem as variantes ali estudadas, o que configura o processo de aceleração ou retardamento do processo de mudança. Assim, a implementação está relacionada com a compreensão do momento e local onde a mudança se instaura.

Ainda em se tratando das variações linguísticas, podemos compreender dois fatores atuantes: os internos (linguísticos) e os externos (extralinguístico ou sociais), sendo os internos aqueles ligados a estrutura da língua e os externos relacionados aos fatores sociais como sexo e idade. Com isso, pode-se inferir que esses elementos podem influenciar na fala do indivíduo e caberá a sociolinguística estudar a variação da língua, investigando seus efeitos dentro do comportamento dos referidos usos linguísticos.

A sociolinguística impulsionou diversos estudos concentrados nas variações e mudanças dentro das comunidades de fala, transpassando a ideia de que a língua era homogênea e evidenciando a sua variabilidade, ratificando que ela não se dá de forma regular como pensavam os formalistas, mas sim de forma sistemática, possível de serem observadas dentro de um quadro teórico e metodológico.

Ao se estudar a língua de uma comunidade nos deparamos com diversas variações, sendo seus membros homens, mulheres, de diferentes idades, escolaridade, que desenvolvem diferentes funções na sociedade, sendo normal encontrar situações reais distintas de se comunicar socialmente. Como Cunha (1981, p. 57) afirma:

Nenhuma língua permanece a mesma em todo o seu domínio e, ainda num só local, apresenta um sem-número de diferenciações [...] são essas variedades de ordem geográfica, de ordem social e até individual, pois cada um, procura utilizar o sistema idiomático da forma que melhor lhe exprime o gosto e o pensamento, não prejudicam a unidade superior da língua, nem a consciência que têm os que falam diversamente de se servirem de um mesmo instrumento de comunicação, de manifestação e de emoção.

Nessa perspectiva, a linguística como uma ciência social, com os pensamentos para que estabeleça o modelo teórico-metodológico da sociolinguística variacionista, com essa observação nas mudanças, pode-se ver a variação existente dentro da estrutura social, assim

como esclarece Oliveira (2006, p. 45), “sendo a língua um meio de interação entre o indivíduo e a sociedade em que ele atua, está claro que há forças sociais que agem sobre essa interação”.

Cabe informar que as análises desta pesquisa terão o aporte teórico e metodológico da sociolinguística, sendo dados tratados de forma quantitativa, se utilizando sobretudo, do auxílio da ferramenta computacional Goldvarb X.

3.2 CONSTITUIÇÃO DO *CORPUS* E ANÁLISE DOS DADOS

Na investigação sociolinguística sobre a variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na comunidade quilombola de Lagoinha, faz-se necessário definir procedimentos metodológicos coerentes com os objetivos e objeto de investigação. Nesse sentido, Goldenberg (1999, p. 11) explica que “a metodologia é muito mais do que algumas regras de como fazer uma pesquisa. Ela auxilia a refletir e propicia um ‘novo’ olhar sobre o mundo: um olhar científico, curioso, indagador e criativo”.

Para a realização da coleta de dados, foram gravadas entrevistas, registros de falas espontâneas, com perguntas abertas sobre a vida e o cotidiano do entrevistado, de forma a alcançar o objetivo principal da pesquisa – coletar o vernáculo –, com duração que varia entre 40 à 60 minutos. Os referidos áudios foram submetidos à transcrição grafemática, no intuito de permitir o mapeamento dos dados da ocorrência da variação verbal de terceira pessoa do plural.

Após a coleta dos dados, estes foram analisados através do método quantitativo de análise, fazendo uso da ferramenta computacional GOLDVARB X, uma vez que através desse programa é possível observar, quantitativamente, as questões que permeiam o processo de variação e mudança linguística, permitindo ao pesquisador, comparar, de forma tanto sistemática quanto estatística.

Através do uso da ferramenta computacional acima citada, poderemos observar as variáveis que serão analisadas, neste caso a variável dependente (concordância e não-concordância), as variáveis linguísticas (saliência fônica, realização e posição do sujeito e concordância nominal no sujeito), sendo considerados para a análise apenas os casos referentes a terceira pessoa do plural (p6), e as variáveis sociais, sendo o gênero e a faixa etária. Todos os informantes são considerados pouco escolarizados (cursaram até o 8º ano do Ensino Fundamental II). Assim, Guy (2007, p. 33-34) afirma que:

A análise da regra variável é um tipo de análise multivariada altamente empregada em estudos de variação linguística hoje em dia. Seu propósito é separar, quantificar e

testar a significância dos efeitos de fatores contextuais em uma variável linguística. Esses fatores condicionantes podem ser tanto sociais [...], ou linguísticos.

Falar da variação social é tratar de fatores que se relacionam a grupos sociais, como a organização de uma comunidade, a faixa etária, o gênero, o contexto social, escolaridade, entre outros, que influenciam diretamente a língua, pois ela representa a identidade social e cultural que está se adaptando e sendo moldada socialmente.

À vista disso, o presente estudo propõe uma abordagem quantitativa para os dados coletados em campo. De acordo com Fonseca (2002, p. 20) este tipo de estudo “[...] recorre à linguagem matemática para descrever as causas de um fenômeno, as relações entre variáveis, etc. A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente”.

Outrossim, para Michel (2005, p. 58) a pesquisa quantitativa é um método de pesquisa social que utiliza a quantificação nas modalidades de coleta de informações e no seu tratamento, mediante técnicas estatísticas, tais como percentual, média, desvio-padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão, entre outros. Por isso, faz-se necessário, também, a descrição dos dados, permitindo ao leitor compreender como o fenômeno, no caso desta pesquisa, a ocorrência da variável concordância verbal de terceira pessoa do plural na comunidade quilombola de Lagoinha, se dá. Dentro dessa perspectiva, adota-se, para a posterior análise dos dados, os pressupostos metodológicos da Sociolinguística variacionista, de William Labov (2008 [1972]), em amostra de situações reais de falas espontâneas.

3.2.1 *Locus* da pesquisa

Para a efetivação desta pesquisa utilizamos como base os dados cedidos pelo incipiente Projeto Estudos Linguístico e Histórico do Sertão (ELiSH)², coordenado pela professora Ma. Dayane Moreira Lemos, no Departamento de Ciências Humanas e Tecnologias (DCHT) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), campus XVI – Irecê/BA.

O Projeto EliSH surge com o intuito de elaborar um panorama sociolinguístico do português popular falado nas comunidades afro-brasileiras do território de Irecê, haja vista a ausência de estudos sociolinguísticos que corroborem com os desdobramentos dos processos de variação e das possíveis tendências de mudança no campo linguístico no território de identidade em estudo. Vale salientar, ainda, que o território de Identidade de Irecê é formado

² Este projeto, em desenvolvimento, compõe a proposta da tese de doutoramento da professora Dayane Lemos, que tem aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), através do parecer substanciado de número 4.579.419.

administrativamente por 20 municípios, existindo mais de 139 comunidades identificadas e reconhecidas pela Fundação Palmares como sendo remanescentes quilombolas.

A pesquisa em questão foi realizada na comunidade de remanescentes quilombolas de *Lagoinha*, localizada no município de São Gabriel, território de identidade de Irecê, centro-norte do estado da Bahia. A uma distância de aproximadamente 40 km da sede do município, a comunidade de Lagoinha é vista como uma das comunidades mais importantes do concelho. A comunidade em estudo faz divisa com diversos outros povoados, trago aqui como destaque alguns que apresentam uma semelhança comum, uso do mesmo radical, são elas: Lagoa do Meio, Lagoa de Fora, Lagoa Nova de Abílio e Lagoa Grande.

Figura 1 - Localização geográfica limites do território de identidade de Irecê



Fonte: Sistema de Informações Territorial- MDA, 2006³

A comunidade quilombola de Lagoinha tem a sua economia baseada na agricultura, com o cultivo sequeiro de milho e mamona, e na pecuária com a criação de caprinos, bovinos e ovinos, ambos em pequena escala, apenas como subsistência. Em breve síntese, nos termos de Ribeiro (2011, p.22), o surgimento da comunidade se deu por volta de 1922, quando José Bernardo e Martiniano Reis saíram da vereda do jacaré, região cortada por um pequeno afluente que desagua no Rio São Francisco, em busca de uma famosa lagoa dourada, lugar que segundo uma lenda existente, detinha ouro e pedras preciosas, mas ao chegar ao dito local se depararam com uma terra que seria propícia para o cultivo da agricultura, não existindo quaisquer evidências da existência dessa tal lagoa encantada. Ali fixaram morada e expandiram suas famílias.

³ Mapa disponível no site: http://sit.mda.gov.br/download/ptdrs/ptdrs_qua_territorio050.pdf.

No que diz respeito a língua dos falantes da comunidade em estudo, pode-se perceber que esta sofreu influências, sobretudo nos modos de linguagem, destacando a forte presença de religiões de matriz africana, que de certa forma traz consigo traços da cultura negra, a exemplo do Candomblé e da Umbanda, construindo uma linguagem mística e rica de heranças linguísticas.

Outro fator importante que proporciona as mudanças na língua é a posição geográfica da comunidade, afinal, o trânsito dos moradores se dá, sobretudo, pela rua principal do povoado, seja para entrar ou sair fazem uso desse espaço comum, onde termina ocasionando na interação verbal, de modo que ao ocorrer o diálogo entre os moradores e os visitantes, resulta em um compartilhamento dos modos de falar, adaptando assim ao uso corrente da língua.

Essa interação verbal se dava, antigamente, através das relações comerciais, em que os chefes de família se deslocavam até a sede do município, fazendo com que ele tivesse contato com novas expressões que com o passar do tempo aderiam ao seu uso, fazendo surgir as mudanças na língua oral. Com isso, a comunidade traz consigo essa miscigenação linguística, seja pela adoção de novos vocábulos, ou até mesmo através de neologismos.

Ainda segundo relatos de moradores, nos anos iniciais do processo de povoamento da comunidade, seus domiciliados vivenciaram diversas crises, a exemplo da falta de água, que naquele período tinha como fonte de abastecimento cacimbas de minação, não sendo suficientes para o uso em todas as atividades da população. Enfrentaram ainda crise por falta de alimentos, pois com a irregularidade nas chuvas a produção agrícola foi drasticamente afetada. Esse contexto se altera ao passar dos anos através da ampliação dos seus direitos e reconhecimento.

Vale salientar ainda que, no que diz respeito a educação no processo histórico da comunidade de Lagoinha, esta se deu de forma bastante irregular e míngua, pois os moradores só podiam participar das aulas após o período de colheita, como as chuvas eram escassas exigia-se uma maior agilidade no processo do trato da agricultura, e com isso todos participavam com a mão de obra. O ensino do período em questão se limitava à instrução da leitura, escrita e operações fundamentais da matemática, período de duração de aproximadamente quatro meses, caso o aluno aprendesse não precisava mais voltar à “escola”.

Reconhecida pela Fundação Palmares como remanescente de Quilombo, em 13 de Março de 2007, *Lagoinha* ganhou outro olhar rumo ao desenvolvimento social, o de

reconhecer e valorizar as raízes negras e de descendência afro que permeia o seu seio e que atravessa o seu percurso histórico para um auto-reconhecimento e autoafirmação.

3.3.2 Amostragem

A pesquisa em decurso se desenvolve com o objetivo de investigar a ocorrência da variável concordância verbal de terceira pessoa do plural na comunidade quilombola de Lagoinha, para tanto, sem deixar de olhar para a história desse povo, a montagem do *corpus* oral se deu a partir dos critérios sociais e/ou extralinguísticos delimitados no quadro abaixo:

Quadro 1 - Composição do *corpus*

SEXO ⁴ MASCULINO			SEXO FEMININO		
Faixa etária I	Faixa etária II	Faixa etária III	Faixa etária I	Faixa etária II	Faixa etária III
Informante 01	Informante 02	Informante 03	Informante 04	Informante 05	Informante 06

Fonte: Elaborado pelo autor.

Desse modo, para a efetivação desta pesquisa trabalhamos com 06 (seis) informantes, sendo 02 (dois) jovens de até 30 anos, 02 (dois) adultos com idades entre 31 e 59 anos e 02 (dois) idosos de mais de 60 anos, do sexo masculino e feminino e com escolaridade de até oitavo ano (sétima série) do Ensino Fundamental. Com isso, será feito uma análise da variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural, buscando apresentar, quantitativamente, o uso dessa variação nas amostras de fala analisadas, no tentame a identificar se existe alguma influência externa para que essa variação aconteça no corpus em estudo.

Labov (2008 [1972]) pontua que numa pesquisa sociolinguística é importante termos cuidado ao montarmos o *corpus*, uma vez que a escolha dos informantes que irão compor a amostra refletirá em fatores extralinguísticos ou sociais, que servirão como base para as pesquisas e análises futuras, tendo em vista que através desses dados pode-se encontrar explicações para os fenômenos que se encontram em processo de variação na língua.

No próximo capítulo, compreenderemos como se dá a variação verbal de terceira pessoa do plural, fenômeno abordado nesta pesquisa, fazendo as relações necessárias para a elucidação das questões pontuadas, bem como correlacionando à outras pesquisas que tratam da variação P6.

⁴ Mantivemos, neste estudo, o termo sexo aplicado ao que hoje chamamos de gênero.

4 O FENÔMENO EM ESTUDO

Neste capítulo abordaremos, sucintamente, o fenômeno da concordância verbal tanto sob o olhar formal quanto sob a perspectiva funcional, além de apresentar uma breve síntese sobre a ocorrência da variável concordância verbal no português brasileiro.

No que diz respeito ao olhar formal/gramatical da língua, faremos uma análise crítica da temática em questão, desprezando, em partes, a exposição massiva das regras. Para tanto, toma-se como base os estudos realizados por Bechara (2000; 2001), Cunha (1985), Perini (2001) e Teyssier (1989). Com relação a abordagem do fenômeno em estudo sob a perspectiva funcional, faremos uma breve reflexão sobre o sujeito, o verbo e a concordância de acordo com a visão funcionalista. Após essa breve introdução, discutiremos o fenômeno da concordância verbal sobre a perspectiva gramatical.

4.1 A CONCORDÂNCIA VERBAL SOB O OLHAR DA GRAMÁTICA NORMATIVA

Pensar a regra da concordância verbal sob o olhar da gramática normativa é concebê-la como sendo obrigatória, e, com isso, os casos de ausência se configuram como sendo um desvio ou um “erro”. Sabe-se, no entanto, que existem exceções e, para compreendê-las, inicia-se o presente estudo.

O fenômeno da concordância verbal, quando relacionado ao sujeito simples, estando este no plural, o verbo o acompanha, assim como se o sujeito estiver no plural, o verbo também o acompanhará. Trata-se de uma regra obrigatória que defende o princípio de que o sujeito está atrelado ao verbo e, com isso, se o sujeito é o ser de quem se fala alguma coisa e o predicado é aquilo que falamos sobre o sujeito, obrigatoriamente, um concordará com o outro, conforme o *Quadro 2*.

Quadro 2 – O fenômeno da concordância verbal quando relacionado ao sujeito simples.

AUTORES	CONCEITOS
Cunha (1985, p. 339-342)	“[...] com um só sujeito – O verbo concorda em número e pessoa com o sujeito, venha ele claro ou subentendido.”
Bechara (2001, p. 555)	“[...] se o sujeito for simples e singular, o verbo irá para o singular [...].”
Dias (1970, p. 22-23)	“[...] quando o sujeito é simples, o verbo do predicado vai para o número e a pessoa a que pertence o sujeito.”

Fonte: Elaborado pelo autor.

No que diz respeito ao sujeito composto, assim como o sujeito simples, apresenta uma regra. Vemos, no entanto, que neste caso do sujeito composto, alguns gramáticos, conforme exposto no quadro 3, já apresentaram indícios de tal variação, visto que em suas definições se utilizam das seguintes palavras: “em certas situações não é raro [...]”, ou ainda “[...] o verbo irá, normalmente [...]”. Assim, apesar da obrigatoriedade da regra, pode se perceber a existência de casos onde esta “obrigatoriedade” cede espaço às exceções. Vejamos:

Quadro 3 – O fenômeno da concordância verbal quando relacionado ao sujeito composto

AUTORES	CONCEITOS
Cunha (1985, p. 339-342)	“[...] o verbo que tem mais de um sujeito (sujeito composto) vai para o plural”.
Bechara (2001, p.555)	“Se o sujeito for composto, o verbo irá, normalmente, para o plural, qualquer que seja a sua posição em relação ao verbo”.
Lima (1997, p.373)	“Em certas situações, não é raro que o verbo que tem sujeito composto concorde apenas com o núcleo que lhe estiver mais próximo”.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Ao que concerne às exceções ou casos especiais, nas palavras de Dias (1970, p. 23), “se os sujeitos são todos de 3ª pessoa do plural, o verbo vai para a 3ª pessoa”, enquanto na perspectiva de Cunha (1985, p. 341), “O verbo [...] vai para o plural e quanto à pessoa irá [...] para a 3ª pessoa do plural, se os sujeitos forem da 3ª pessoa”. Para Bechara (2001, p. 559), “nas orações ditas equitativas, o verbo, posto entre dois substantivos de números diferentes, concorda em geral com aquele que estiver no plural. Às vezes, um dos termos é um pronome: Ex.: A pátria não é ninguém: são todos [RB. 3, 11]”. Com isso, pode-se perceber nestes casos de exceções, que no trato especial dos casos de concordância verbal não há rigidez na regularidade.

Bechara (2000, p. 543), afirma que a concordância geral consiste “em se adaptar a palavra determinante ao gênero, número e pessoa da palavra determinada”. Nesta perspectiva, ao afirmarmos que um termo está em concordância com outro significaria, desse modo, que este e aquele estão de acordo em alguns aspectos, ou seja, significaria dizer que eles concordam.

Ao que se refere a língua falada, Bechara (2000) nos adverte que o fluxo do pensamento ocorre mais rapidamente do que quando comparado a formulação e estruturação da oração, sendo habitual que o falante pronuncie primeiramente o verbo (anteposto aos outros termos da oração), deixando assim de realizar a concordância:

[...] (Neste caso, o falante) costuma enunciar o verbo no singular porque ainda não pensou no sujeito a quem atribuirá a função predicativa contida no verbo; se o sujeito, neste momento, for pensado como pluralidade, os casos de discordância serão aí frequentes [...]. A língua escrita, formalmente mais elaborada, tem meios de evitar estas discordâncias. (BECHARA, 2000, p. 544).

Com isso, Bechara (2000) defende haver uma maior variação na língua falada do que quando comparada à escrita. Seguindo essa mesma visão de Bechara (2000), Teyssier (1989), em seu *Manual de Língua Portuguesa*, aponta como a variação da concordância verbal se dá no português popular. Segundo ele, a construção morfológica do verbo sofreu grandes reduções resultantes de um processo de simplificação pronominal, em que mantêm-se apenas as 1ª e 3ª pessoas do singular e plural. Com isso, as segundas pessoas (tu/vós), foram substituídas pelas formas você/vocês (concordando com o verbo na 3ª pessoa do singular e plural, respectivamente). Teyssier (1989) ressalta ainda o processo de simplificação ocorrido nas desinências verbais, em que as principais mudanças aconteceram tanto pelo desgaste fonético (a queda do –r final, por exemplo, cantá por cantar, queda do –s final: vamo por vamos), quanto pela unificação dos paradigmas (supressão da desinência –mos da primeira pessoa do plural). Em conformidade com o paradigma unificado, teríamos apenas a contraposição entre a primeira e a terceira pessoa do singular.

Cumprindo seu papel de expor a norma culta, Teyssier (1989, p. 239), ainda que reconhecendo a existência da variação na concordância verbal, nos adverte que ela deve ser evitada, pois traz consigo um traço da linguagem coloquial:

Esta morfologia simplificada é sentida como incorrecta e deve ser evitada. Mas é muitas vezes reproduzida, quer parcialmente quer integralmente, pelos romancistas contemporâneos que desejam imitar os traços da linguagem popular).

Essa afirmação de Teyssier (1989) termina por apresentar uma visão um tanto quanto negativa em relação às modificações sucedidas no sistema verbal e pronominal, pois demonstram que os desvios constituídos na língua devem ser evitados pelos falantes. Vamos observar o que Perini (2001, p.180-187) nos diz sobre a concordância verbal:

Concordância é uma espécie de exigência de harmonização de flexões entre os diversos constituintes de uma construção [...]. A concordância compreende basicamente alguns procedimentos que rotulam certos sintagmas, atribuindo-lhes funções sintáticas. A concordância verbal limita-se a atribuir funções aos SNs de nível oracional.

Na definição acima, Perini (2001) não aborda a questão da regra variável como Teyssier (1989) fez, mas deu destaque apenas à função sintática da concordância verbal, determinando-a como sendo responsável pela relação entre o sujeito e o objeto. Isto acontece

porque o verbo, além de ser responsável pela concordância verbal, também se configura como sendo o centro estruturador da frase, ou seja, elemento determinante dos constituintes necessários e suficientes da estrutura. Nas palavras de Ignácio (1984, p. 33), “ele é o elemento decisivo na organização gramatical ou coesão da frase”.

Após as considerações aqui expostas a respeito da concordância verbal sob o olhar de alguns estudiosos, ficou evidente que parte dos autores aqui citados, a exemplo de Bechara (2000) e Teyssier (1989), reconhecem a variação na concordância verbal. Assim, ainda que seja visto sob o olhar normativo, se considerarmos a ausência de flexão no verbo em que o sujeito é um sintagma nominal plural, um desvio da norma, há explicitamente um caso de variação.

Sabemos que estas explicações são insuficientes para justificar os inúmeros casos de variação que ocorrem. No entanto, essa posição em relação à concordância verbal é tomada por boa parte dos gramáticos que, partindo dos exemplos extraídos da língua literária (escrita), estabelecem uma regra geral obrigatória, seguida de páginas e páginas de casos nos quais esta mesma regra deixa de se aplicar (as exceções).

Se observarmos bem, a exceção à regra é vista na maioria dos casos de concordância verbal, existindo diversas opções para aplicá-la. É de se concluir, portanto, que existe sim variação e, ao invés de considerá-la assistemática, vendo-a como sendo uma exceção ou até mesmo uma perturbação à regra, deveríamos analisá-la. Nas palavras de Rodrigues (1987, p.32), “a gramática normativa falha por tentar imobilizar em moldes rígidos aquilo que está em variação e que pode ser sistematizado como tal”.

Ao reconhecer que as gramáticas se utilizam de frases isoladas escolhidas pelos linguistas ou fragmentos de textos de escritores “consagrados” para exemplificar suas regras, Perini (2001, p. 36) escreveu que “o interessante é reconhecermos que a língua é um instrumento de enorme complexidade, utilizado a todo o momento por milhões de pessoas que diferem quanto a grau de conhecimento, experiência linguística prévia, crenças, gostos e preferências”. E é assim que a encaramos para a efetivação deste trabalho.

4.1.2 A concordância verbal sob a perspectiva funcional

Pensar a concordância verbal sob a perspectiva funcional é analisá-la por meio das três funções propostas por Halliday (1994). A primeira é a função interpessoal, em que considera-se o verbo como sendo um predicador, a segunda, a função experiencial, encara o verbo como sendo um processo na estrutura transitiva, enquanto a terceira, a função textual, encara-o nas

estruturas temáticas. Assim, o argumento externo ao verbo, na função interpessoal, seria o sujeito, na experiencial, participante e ator e por fim, na textual, tema ou rema, dado ou novo.

Tomando como base esta perspectiva funcional, Ilari (1992) diverge dos estudos tradicionais, segundo os quais apresentam o sujeito como sendo “quem realiza a ação”, “o termo com o qual concorda o predicado”, “o assunto da oração”, ao demonstrar que não há quaisquer analogias entre agente, sujeito e tema nas orações, como em (1).

(1) Os garotos estavam exaltos.

Não há em (1) quaisquer semelhanças entre sujeito e agente, pois neste caso, “os garotos” foi um sujeito paciente, não realizando nenhuma ação. Sob o prisma da perspectiva funcional, caso um falante do português brasileiro opte por não realizar a concordância entre o sujeito e o verbo, ele precisará explicitar o sujeito de uma outra forma, por exemplo, inserindo um pronome pessoal, já que a função primária da comunicação é transmitir informação ao interlocutor.

Labov (1994) traz uma reflexão sobre a importância dos fatores funcionais na compreensão da variação e das mudanças linguísticas fonéticas. Para o autor, diversas mudanças fonéticas terminaram por apagar algumas flexões, ampliando assim os casos de homonímia. Alguns estudos sobre a variação na concordância verbal, a exemplo dos realizados por Scherre e Naro (1993), trouxeram valiosas contribuições para os estudos de Labov (1994), ele afirma que, ao contrário do que admitem os funcionalistas, os fatores de natureza mecânica e estrutural determinariam a escolha de uma variante linguística, e não a necessidade de preservar a informação. Com isso, devido à falta de frequência de desinência verbal em verbos irregulares, no qual esta seria a única marca de plural, a exemplo de *fala-falam*, demonstraria que a força de um fator funcional pode ser anulada pela presença de fatores fonéticos. Labov (1994) afirma ainda que ao se completar a mudança linguística, o sistema passa por adaptações internas, preservando assim a informação. Assim, ao invés de tais efeitos funcionais se tornarem as causas das escolhas linguísticas, se tornariam as consequências.

Ainda em se tratando da mudança linguística, Labov (1994, p. 223) acredita que quando a mudança acontece, obrigatoriamente surge uma variação na estrutura como forma de compensar a perda de informações nela contida, não desprezando, assim, os argumentos funcionais. Para complementar tal argumento, Labov (1994) apresenta como exemplo um estudo realizado sobre o caso da concordância verbal no espanhol (HOCHBERG, 1986;

CAMERON, 1992, *apud* LABOV, 1994) em que constatou-se que o /s/ de segunda pessoa do singular é substituído pelo uso do pronome pessoal *tu*, com a finalidade de que a informação não seja comprometida.

Esse estudo de Labov (1994) revela-nos que em determinados casos, assim como o princípio do paralelismo formal nos mostra, a variação pode resultar de fatores mecânicos, mas, em outros, o condicionamento pode se dá como forma de preservar determinada informação. Com isso, as informações acima são importantes para o desenvolvimento deste trabalho, haja vista o levantamento de conceitos, ideias e observações pertinentes à análise dos dados.

A partir dos estudos aqui apresentados, fica evidente a variabilidade presente no fenômeno da concordância verbal, podendo ser efetivado ou não pelos falantes em função de fatores linguísticos e extralinguísticos, o que não significa encararmos a falta de concordância como um erro, mas sim como uma variedade que pode gerar inadequações, daí a importância de proporcionar estudos gramaticais que levem em consideração os seus fundamentos científicos, possibilitando o surgimento de reflexões que resultem em possibilidades adequadas às diferentes situações comunicativas. Nesse caso, segundo Perini (2001, p. 277), “o fenômeno da concordância verbal se reduz a um aspecto do mecanismo geral que filtra frases de significado anômalo”, ou seja, os usuários da língua rejeitam frases malformadas, reconhecendo-as como não estando de acordo com suas previsões e possibilidades.

Em consonância ao que foi supracitado, é importante destacar que “diversos estudos têm demonstrado que a concordância verbal é um caso típico de variação inerente no português do Brasil” (FURTADO DA CUNHA; TAVARES, 2007, p. 35). Dessa forma, considerar a falta de concordância como um erro de português é, obrigatoriamente, desconsiderar uma série de pesquisas que apontam que em diferentes contextos e devido a aspectos discursivo-pragmáticos a ausência de marcas de concordância está condicionada à particularidades explicáveis e compreensíveis dentro dos usos possíveis da língua, afinal, ela é viva e dinâmica.

4.2 A OCORRÊNCIA DA VARIÁVEL CONCORDÂNCIA VERBAL NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Quando falamos em concordância verbal logo vem à nossa mente a correlação desempenhada entre sujeito e verbo numa mesma oração. Nessa conformidade o verbo deve concordar com o sujeito em número e pessoa, de forma a posicioná-lo no tempo.

Linguisticamente, podemos encarar a concordância como sendo a congruência morfológica entre verbo e sujeito que resulta numa redundância de formas, afinal, havendo marcação de plural no sujeito, obrigatoriamente, haverá marcação de plural no verbo.

Lucchesi (2006, p. 94) reitera, igualmente Perini (2010, p. 277), que a indicação da pessoa na morfologia verbal no português brasileiro vem sofrendo profundas alterações em um processo complexo que reúne um conjunto de mudanças linguísticas independentes e provavelmente de natureza distintas, isto em função das diferentes correlações sociolinguísticas subjacentes a cada uma dessas mudanças, segundo o autor.

O linguista Lucchesi (2006), em sua análise, estabelece uma divisão entre a variação na concordância verbal do português brasileiro culto falado e a variação do português brasileiro coloquial, sendo este último as variedades populares do português brasileiro, assunto abordado nesta monografia. Nesse caso específico, Lucchesi (2006) apresenta como fator principal dessas variações a redução da morfologia flexional do nome e do verbo em decorrência do que ocorre em línguas crioulas, recorrendo assim ao processo de transmissão linguística irregular, assunto discutido no capítulo 02, subseção 2.2. Em síntese, vê-se que as discussões de Lucchesi (2006) está em consonância com as discussões de Castilho (2010) e Perini (2010), em suas gramáticas do português brasileiro.

Outra autora que também apresenta algumas considerações relevantes sobre a temática em questão é Moura (2001, p. 69), em que faz uma análise comparativa sobre a concordância entre sujeito e verbo no português brasileiro e no francês contemporâneo falado. Para a realização da referida análise, a autora se baseia na perspectiva da sintaxe comparativa, com o objetivo de investigar se a inexistência de marcas na morfologia dos léxicos seria capaz de levar a inexistência de marcas também na sintaxe. Vale salientar ainda que, para a autora em questão, a concordância verbal também é vista como sendo uma regra variável mesmo em se tratando da norma culta da língua portuguesa.

Diante de tudo o que foi apresentado sobre a ocorrência da variável concordância verbal no português brasileiro, amparados pelo suporte teórico-metodológico da sociolinguística variacionista, pode-se assumir alguns posicionamentos relacionados ao assunto em questão. Infere-se que o português brasileiro padrão é comprovadamente variável, seja por influências de fatores estruturais ou sociais. Com relação ao que ocorre na comunidade em estudo, veremos na análise dos dados, discutidos no capítulo 05 deste trabalho.

5 DESCRIÇÃO DAS VARIÁVEIS E ANÁLISE DOS DADOS

Tomando como base o modelo de análise linguístico denominado de teoria da sociolinguística variacionista, de William Labov (2008 [1972]), em que, segundo Tarallo (1986, p. 6), preocupa-se em analisar e aprender a sistematizar variantes linguísticas usadas por uma mesma comunidade de fala tendo como objeto de estudo elucidar o “caos linguístico” contemplado na língua falada que é, ao mesmo tempo, “heterogênea e diversificada”, neste capítulo, buscamos realizar uma descrição dos resultados que foram obtidos com base nos índices absolutos e percentuais fornecidos pelo pacote de programas Goldvarb X.

Os resultados obtidos serão apresentados em seis seções. Na primeira, os dados serão expostos de acordo com a variável dependente, segundo o controle da marcação de concordância e não-concordância. Em seguida, apresentaremos os resultados referentes ao fenômeno no que se refere à variável saliência fônica, realização e posição do sujeito e concordância nominal no sujeito. Por fim, são apresentados os resultados referentes às variáveis sociais sexo e faixa etária.

5.1 A VARIÁVEL DEPENDENTE

Naro e Scherre (2007) afirmam que, geralmente, os fenômenos de concordância variável estão presentes nos dialetos não padrão do português brasileiro, a exemplo da variação na concordância de número verbo/sujeito e entre os elementos do sintagma nominal.

Neste estudo, a variável dependente escolhida foi a concordância verbal de terceira pessoa do plural (P6), utilizando-se da presença da marca de plural para especificar os casos de concordância, ou seja, da existência da variante padrão da língua, e da ausência de marca de plural para evidenciar a inexistência dessa concordância, a variante não padrão. Vejamos (2) e (3)⁵:

(2) *Aí um dia me falaram que eles estavam namorando.* (Informante 5.) → (Variante padrão)

(3) *As coisa agora **mudou** muito.* (Informante 6) → (Variante não padrão)

⁵ Esse e os exemplos que seguem foram retirados do *corpus* em estudo.

Para a seleção das ocorrências que constituem o *corpus* deste estudo, consideramos como sendo as variantes padrão aquelas em que foi possível observar a existência de marcas de plural, mesmo que elas apresentassem nas suas construções alterações morfofonêmicas, como em (4) e (5):

(4) *Fizero um cercão lá.* (Informante 2)

(5) *Agora num sei em que grau eles ficaro.* (Informante 3)

Foram utilizados no levantamento dos dados as formas verbais que apresentavam explicitamente o pronome pessoal de terceira pessoa (eles), bem como àquelas que, na sua construção, apresentavam a forma zero, sujeito desinencial retomado anaforicamente. Os dados expostos no quadro abaixo exemplificam o que foi supracitado.

Quadro 4 – Formas verbais com pronome pessoal de terceira pessoa explícito e sujeito desinencial.

PRONOME PESSOAL P6 EXPLÍCITO	SUJEITO DESINENCIAL
Eles sabe(m)	Eles compraram e Øvenderam tudo.
O(s) estudantes sabe(m)	Ø Gostavam mais da moda do que eu.
Ele e o irmão sabe(m)	Ø Moram aqui mesmo próximo.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Para a efetivação desta análise, utilizamos tanto os dados referentes a norma popular quanto os que se referem a norma culta, estas que são as duas grandes representantes da realidade sociolinguística brasileira, fazendo com que fosse possível traçar um estudo mais direto sobre essa realidade bipolarizada, presente na estrutura linguística do português falado pelos moradores da comunidade quilombola de Lagoinha. A análise da variação da concordância com a terceira pessoa do plural foi feita tomando como referência a existência de estudos realizados sobre a P6, havendo amostras constituídas em diversas regiões do Brasil, possibilitando assim traçarmos comparações desses resultados com os obtidos através dos dados da comunidade quilombola pesquisada neste trabalho.

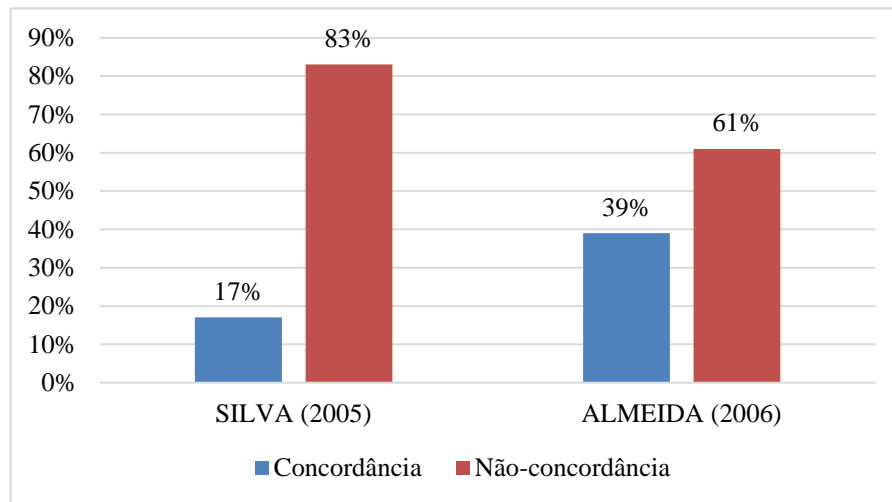
A partir do mapeamento realizado no *corpus* em estudo, verificando a existência e não-existência da concordância verbal de terceira pessoa do plural, obtivemos um total de 150 ocorrências, destas, 42 apresentaram o uso da concordância de P6, enquanto 108 apresentaram a falta dessa concordância, conforme a *Tabela 1*.

Tabela 1 - Variação no uso da terceira pessoa do plural na comunidade quilombola de Lagoinha.

	FREQUÊNCIA	%
NÃO CONCORDÂNCIA	108/150	72,0
CONCORDÂNCIA	42/150	28,0

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os resultados encontrados por Silva (2005), com dados de amostra de fala de três comunidades do interior da Bahia e os de Almeida (2006), com dados de amostra de fala da comunidade São Miguel dos Pretos, Restinga Seca/RS, apontam, também, um maior percentual para o uso da variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural, conforme observamos no *Gráfico 1*.

Gráfico 1 - Frequência de uso da concordância e não-concordância verbal de terceira pessoa do plural nos trabalhos de Silva (2005) e Almeida (2006)

Fonte: Elaborado pelo autor.

Por conseguinte, os resultados apresentados através da análise do *corpus* em estudo indicam que na comunidade de remanescentes quilombolas de Lagoinha há, entre os falantes com escolaridade de até 8º ano, uma maior tendência em utilizar a não-concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala cotidiana, bem como ratificam as pesquisas realizadas em outros autores, em outros estados (*cf.* Gráfico 1). Assim, Lucchesi, Baxter e Silva (2009, p. 333) acreditam que “as diversas comunidades de fala apresentam um cenário de mudança em curso no sentido do incremento da aplicação da regra de concordância”, e são nas comunidades rurais afro-brasileiras, em que segundo a sócio-história do português brasileiro,

foram as mais afetadas pelo contato linguístico, que esse quadro de mudança em curso se dá com uma maior intensidade.

5.2 A VARIÁVEL SALIÊNCIA FÔNICA

Em se tratando das tendências da concordância verbal no português brasileiro, é possível observar a recorrente presença da saliência fônica nos trabalhos que buscam apresentar e explicar o fenômeno em questão.

Naro e Lemle (1976), em seus estudos, buscaram investigar a relevância que há na diferenciação entre singular e plural na utilização das formas verbais, chegando a comprovação de que as formas mais salientes são mais propensas a serem marcadas, enquanto as menos salientes são mais propensas a não-marcação. Reforçando tal análise, Naro (1981, p. 78) propôs uma escala de saliência pautada em dois critérios, sendo o primeiro relacionado a presença ou ausência de acento na desinência e o segundo relacionado a quantidade de material fônico que diferencia a forma singular da forma do plural. Scherre e Naro (1998, p. 3-4) apresentam uma escala utilizada nos estudos sobre a variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural no português brasileiro, vejamos:⁶

Quadro 5 – Escala de Saliência Fônica segundo Scherre e Naro (1998)

NÍVEL 1 (oposição não acentuada): "contém os pares nos quais os segmentos fonéticos que estabelecem a oposição são NÃO ACENTUADOS em ambos os membros."	
SUBNÍVEIS	EXEMPLOS
1a: não envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural.	- Eles conhece0 Roma. Conhece Paris - Ceys conheceM ?
1b: envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural.	- Eles ganha0 demais po que eles fayz - Eles ganhaM demais da conta
1c: envolve acréscimo de segmentos na forma plural.	- Eles também não diz0 - Eles dizEM : "chutei tudo"
NÍVEL 2 (oposição acentuada): "o segundo nível contém aqueles pares nos quais [os segmentos fonéticos que estabelecem a oposição] são ACENTUADOS em pelo menos um membro da oposição."	
SUBNÍVEIS	EXEMPLOS
2a: envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural.	- Os filho tá0 pedindo dinheiro - Eles tã0 bem intencionados
2b: envolve acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural; inclui o par foi/foram que perde a semivogal.	- Aí bateu0 dois senhores na porta - (eles) bateRU sete chapa da cabeça dele
2c: envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural: mudanças vocálicas na desinência, mudanças na raiz, e até mudanças completas.	- Aí, veio0 aqueles cara correno atrás de - vIERAM os ladrões, quatro, hum? - Agora, os vizinho daqui é0 ótimo - Mesmo aqueles que SÃO sinceros

Fonte: Adaptado de Scherre e Naro (1998).

⁶ Os exemplos aqui apresentados foram retirados da escala de saliência fônica apresentada pelos autores.

Assim, percebe-se que a variável está organizada numa ascendente estrutura oposicional, estando agrupada em dois níveis em razão da tonicidade dos segmentos fônicos presentes na diferenciação da dicotomia singular/ plural. Ao observarmos os níveis, podemos perceber que, no primeiro, onde há a presença das formas átonas, a saliência se dá em menor incidência, ocorrendo, desta forma, menos tendência para a marcação de plural enquanto, no nível 2, com formas tônicas mais salientes, percebemos uma maior tendência para a realização de plural.

Após analisar os dados do *corpus* em estudo, levando em consideração as informações apresentadas na escala de saliência fônica proposta por Scherre e Naro (1998), pode-se observar que, assim como demonstrado pelos autores supracitados, nos casos em que os verbos apresentam pouca distintividade, ou seja, nas formas menos salientes, há um grande uso da forma não padrão, com um percentual de 86,1% e peso relativo de 0.66, havendo uma maior relação entre a distinção fônica na polarização singular/plural (seja em termos de material fonético ou incidência acentual), apresentando menores taxas de concordância verbal de P6, enquanto nas formas mais salientes, correspondentes a formas verbais tônicas com significativa diferenciação material na oposição singular/plural, foram as que apresentaram os menores índices de não marcação, 56,3%, e peso relativo de 0.32. A *Tabela 2* ilustra esses resultados.

Tabela 2 - Não marcação no uso da terceira pessoa do plural em função da saliência fônica

	FREQUÊNCIA	%	PESO RELATIVO
SALIENTE	40/71	56.3	0.32
NÃO-SALIENTE	68/79	86,1	0.66

Fonte: Elaborado pelo autor.

Portanto, os dados mostram que no curso da aquisição das marcas de concordância verbal, os falantes da comunidade de remanescentes quilombolas de Lagoinha com pouca ou nenhuma escolaridade, tendem a adquirir as marcas que apresentam maior diferenciação entre o singular e o plural, demonstrando que o material morfossintático envolvido na marca dirige o curso da aquisição. As diferenças mais claramente percebidas são aquelas que se tornam mais propensas a serem adquiridas pelo falante, bem como pontua Silva (2005, p.258), “no curso da aquisição da regra de concordância, os falantes do português popular tendem a

perceber e incorporar primeiramente formas mais salientes, justamente aquelas em que o singular e o plural possuem formas totalmente diferentes”.

5.3 REALIZAÇÃO E POSIÇÃO DO SUJEITO

As discussões relacionadas a realização e posição do sujeito aparecem desde os primeiros estudos realizados sobre concordância verbal, a exemplo das pesquisas realizadas por Naro e Lemle (1976) que inserem esta variável como investigável no tratamento da concordância verbal no português. Por conseguinte, torna-se pertinente observarmos a realização do sujeito e, havendo essa realização, monitorarmos a forma como ela acontece, antes ou depois do verbo, considerando a importância de o núcleo nominal e o núcleo verbal estarem próximos. Julgamos adequado considerar, para esta análise, os casos de sujeito anteposto, posposto e sujeito não-realizado, todos relacionados ao verbo na terceira pessoa do plural, objeto de estudo desta monografia, desconsiderando as demais ocorrências.

Como previsto, após realizarmos a análise, constatamos que a presença do sujeito, bem como sua anteposição ao verbo, no *corpus* da comunidade de Lagoinha, quando comparado ao sujeito posposto ao verbo, são favoráveis à aplicação da regra de concordância, resultado semelhante ao obtido por Silva (2005), ao analisar a concordância verbal de terceira pessoa do plural em três comunidades do interior da Bahia. Vejamos na tabela abaixo o resultado obtido no *corpus* de Lagoinha:

Tabela 3 - Não marcação no uso da terceira pessoa do plural em função da realização e posição do sujeito

	FREQUÊNCIA	%	PESO RELATIVO
ANTEPOSTO AO VERBO	88/109	80,7	0.57
POSPOSTO AO VERBO	12/14	85,7	0.70
NÃO-REALIZADO	8/27	29,6	0.16

Fonte: Elaborado pelo autor.

Analisando os dados da comunidade de remanescentes quilombolas de Lagoinha, pôde-se perceber, ainda, que o sujeito não-realizado foi aquele que apresentou maior número de concordância em termos percentuais, 70,4% e, ao considerarmos o peso relativo, podemos observar que ele aparece em terceiro lugar no quesito posição de relevância, com 0.16. Essa

tendência do português brasileiro já foi verificada por diversos pesquisadores, a exemplo de Anjos (1999), podendo verificar a existência de explicações diversas a depender dos pressupostos teóricos usados pelo pesquisador. Anjos (1999, p.105) nos diz que no caso do sujeito oculto a concordância é um imperativo funcional, haja vista que, quando distanciamos a forma verbal e seu sujeito referente, concomitante, há um aumento na probabilidade de realizar a concordância, na qual, caso não ocorresse, causaria ambiguidade no entendimento do discurso. Essa perspectiva também coincide com os dados trazidos por Scherre e Naro (1997) sobre o mesmo assunto, onde eles afirmam que, nesse caso, o restabelecimento da informação é levado em conta.

Segundo Ângela Rodrigues (1992, p.158-159), se o sujeito “não se encontra na frase, a desinência verbal não é redundante, e as relações entre o verbo e o seu sujeito extra-sentencial só podem ser estabelecidas por meio da concordância”. Nesse estudo feito por Rodrigues (1992) sobre o português popular da cidade de São Paulo, pode-se perceber a influência da interpretação funcionalista, pois ao considerar a concordância como sendo redundante, concede também a ela a capacidade de ser excluída do discurso sem que afetasse a função opositiva das pessoas. Em relação aos dados do português afro-brasileiro, foi possível observar que a concordância estabeleceu-se em maior nível de percentual e de frequência (peso relativo) nos casos em que houve a ocorrência de sujeito não-realizado (SILVA, 2005, p.163), resultado parecido ao obtido nesta pesquisa.

Em se tratando dos casos de anteposição do sujeito, quando comparado às demais ocorrências, levando em consideração os dados da *Tabela 3*, foi possível perceber ainda que há um favorecimento significativo na presença da marca de concordância verbal, com um percentual de não marcação no uso da terceira pessoa do plural de 80,7% e um peso relativo de 0.57, haja vista que o falante faz uma relação entre o elemento anteposto ao verbo com o sujeito ou o agente da oração, levando a utilizar uma forma verbal que se adapte a ele. Outrossim, quando o falante retoma a figura do sujeito em sua mente, é um dos fatores que auxiliam no aumento da frequência no uso da concordância verbal no português coloquial. Cabe ressaltar ainda que, quando o sujeito aparece posposto ao verbo e sua retomada é feita através do uso de um pronome relativo, estes exercem um papel de ocultar a figura do sujeito, diminuindo assim a tendência à concordância.

No caso do sujeito posposto, podemos observar a tendência a interpretar a estrutura proposta ao verbo não como sujeito, já que na ordem verbo/sujeito, a posição ocupada pelo sujeito não é a mais comum, a mais geral, o que levaria o falante a interpretar a forma posposta ao verbo, por exemplo, como um objeto direto, apresentando assim uma menor

tendência à marcação do plural, com um percentual de não marcação de 85,7% e um peso relativo de 0.70.

5.4 CONCORDÂNCIA NOMINAL NO SUJEITO

Seguindo os passos de Lucchesi e Ribeiro (2009), em que consideram o princípio da coesão estrutural como fator determinante para o uso variável da concordância verbal, foi que concebemos a escolha desta variável, baseando-nos na ideia de que nas orações em que existem marcas de concordância no sintagma nominal sujeito, há a possibilidade de coexistir marcas de concordância no sintagma verbal. Consideramos, no processo de análise, os determinantes, os núcleos e modificadores, verificando se estes fazem parte da concordância de número. Para a análise dos dados, foram considerados os seguintes fatores:

(i) SN com concordância

(6) *As meninas estudava lá.* (Informante 4)

(ii) SN sem concordância.

(7) *As escola mudô demais.* (Informante 6).

Assim, consideramos adequados para o uso da referida análise, os dados que apresentavam a possibilidade de haver concordância padrão e não-concordância, levando-nos a descartar os casos em que havia a incidência de sujeito não realizado, formados por pronomes, numerais ou pronomes com numerais, a exemplo de “eles três” e nos casos de sujeitos coletivos que apresentavam marca de plural, como na sentença “Os povo num valoriza”.

É importante destacar que, no controle desta variável, computamos também ocorrências na qual o sujeito se deu posposto ao verbo, a exemplo do que vemos abaixo.

(6) *Era aqueles candierin de gás.* (Informante 6)

Os resultados apresentados na *Tabela 4* confirmam a hipótese admitida no início da escolha da variável – o sintagma nominal sujeito –, quando em concordância padrão, ou seja, com marca de plural no núcleo do sintagma e nos elementos a ele adjuntos favorece a

marcação de plural do verbo, ao passo que a falta de tal concordância no sujeito desfavorece, predominando o uso da variedade não padrão.

Tabela 4 - Não marcação no uso da terceira pessoa do plural em função da concordância nominal no sujeito

	FREQUÊNCIA	%	PESO RELATIVO
SN COM CONCORDÂNCIA	73/112	65,2	0.38
SN SEM CONCORDÂNCIA	35/38	92,1	0.79

Fonte: Elaborado pelo autor.

Como vemos na *Tabela 4*, é possível percebermos no *corpus* da comunidade de remanescentes quilombolas de Lagoinha uma maior regularidade no uso da marcação de concordância verbal quando o sintagma nominal sujeito apresenta na sua construção a concordância nominal padrão, em que para esses casos, segundo os dados apresentados, tivemos um percentual de 65,2% de ocorrências de não marcação no uso da terceira pessoa do plural, com peso relativo de 0.38, enquanto nos casos de sintagma nominal sem concordância esse percentual sobe para 92,1%, com peso relativo de 0.79, levando-nos a inferir que a concordância do sintagma nominal sujeito interfere diretamente na concordância do verbo.

Os exemplos seguintes evidenciam algumas das ocorrências encontradas no *corpus* e a forma como foram codificadas:

- (7) “*Meus pais me criou.*” (Informante 5) → SN sujeito com concordância
- (8) “*Os cara num era baiano não.*” (Informante 2) → SN sujeito sem concordância
- (9) “*São tudo casado.*” (Informante 4) → Não se aplica

Tomando como base os resultados apresentados na *Tabela 4*, sobre a não marcação no uso da terceira pessoa do plural em função da concordância nominal no sujeito no *corpus* da comunidade de Lagoinha, confirma-se a hipótese pressuposta para essa variável, baseando-se no princípio da coesão estrutural (LUCCHESI, 2000; LUCCHESI; RIBEIRO, 2009), na qual afirma que a aquisição das marcas de concordância verbal, quando em conjuntura de convivência de diferentes variedades linguísticas – bem como ocorre na realidade linguística brasileira atual, e em extensão, na comunidade de Lagoinha –, realiza-se em consonância com

a aquisição das marcas de concordância entre os elementos que compõem o sintagma nominal sujeito.

5.5 A VARIÁVEL SOCIAL SEXO

Diversos estudos sociolinguísticos já realizados apontam para as diferenças linguísticas existentes entre homens e mulheres. Nas palavras de Silva (2005, p. 169), desde os primeiros estudos envolvendo de forma sistemática a variável sexo, como os de Wolfram (1969) em Detroit, parece ser comum entre os linguistas a opinião de que mulheres tendem a usar a norma mais prestigiada e, conseqüentemente, evitam empregar construções pouco valorizadas pela comunidade em que se inserem.

A variável social sexo, nesta pesquisa, foi desconsiderada pelo programa GOLDVARB X e, conseqüentemente, a sua atuação. Mesmo assim, julgamos pertinente apresentar, a título de informação e comparação, os dados concebidos. Em conformidade com a *Tabela 5*, percebemos que os índices de aplicação da variável concordância verbal de P6 na comunidade de remanescentes quilombolas de Lagoinha são valores bem próximos tanto para os homens (71%) quanto para as mulheres (72,8%). Com números similares, Jung (2000, p. 20) também chegou à conclusão de que a variável sexo não revela importância para o fenômeno da variação concordância verbal, visto que, segundo os dados analisados, homens correspondem a 86% e as mulheres 87%. Algo parecido se dá, também, nos estudos de Guy (1981, p.269), Naro (1981, p. 82) e Rodrigues (1992, p. 167) em que os índices de aplicação da regra da variação na concordância verbal são próximos, homens (43%, 47% e 72%, respectivamente) e mulheres (44%, 48% e 70%, respectivamente) não refletindo diferenças relevantes para o uso da concordância entre os sexos. Veja abaixo os dados completos relacionados a frequência de uso da concordância e não concordância verbal de P6 na variável sexo na comunidade de Lagoinha.

Tabela 5 - A frequência de uso da concordância e não concordância verbal de P6 na variável sexo

SEXO	NÃO CONCORDÂNCIA		CONCORDÂNCIA	
	Frequência	%	Frequência	%
MASCULINO	49/69	71,0	20/69	29,0
FEMININO	59/81	72,8	22/81	27,2

Fonte: Elaborada pela autor.

Para melhor compreender a relação existente entre a variação na concordância verbal e o sexo, deve-se considerar uma análise mais detalhada sobre o papel social dos homens e mulheres na comunidade de remanescentes quilombolas de Lagoinha. Outrossim, é importante que tenhamos uma amostra mais completa e equilibrada, em que pudesse contar com um número maior de informantes, desdobramentos para pesquisas futuras.

5.6 A VARIÁVEL SOCIAL FAIXA ETÁRIA

Em se tratando dos estudos sociolinguísticos, o controle da faixa etária é de extrema importância, pois através dela podemos verificar o processo da variação ao longo de um período, em vista disso escolhemos para a efetivação desta pesquisa três faixas etárias, compostas por dois jovens de 20 à 30 anos, dois adultos de 31 à 49 anos e dois idosos com mais de 60 anos.

Assim como aconteceu com a variável social sexo, o Goldvarb X também desconsiderou o uso da variável social faixa etária como sendo relevante para a explicação da variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural no *corpus* da comunidade de Lagoinha, por isso, apresentaremos os dados apenas a título de informação e comparação. Havíamos levantado a hipótese de que os mais jovens têm a tendência de se adaptarem às mudanças linguísticas, enquanto os de mais idade conservam as formas usuais mais antigas.

Utilizando os dados colhidos na comunidade de Lagoinha, foi possível perceber que as faixas etárias I e II apresentam uma leve tendência à aplicação da regra de concordância verbal de P6 quando comparados a faixa etária III. Vejamos:

Tabela 6 - A frequência de uso da terceira pessoa do plural em função da faixa etária

FAIXA ETÁRIA	NÃO CONCORDÂNCIA		CONCORDÂNCIA	
	Frequência	%	Frequência	%
I (20 até 30 anos)	26/41	63,4	15/41	36,6
I (31 até 59 anos)	23/35	65,7	12/35	34,3
III (mais de 60 anos)	59/74	79,7	15/74	20,3

Fonte: Elaborada pela autor.

Os percentuais apresentados na *Tabela 6* confirmam a nossa hipótese, ainda que em leve tendência, concordando com os resultados de Nina (1980) e de Bortoni-Ricardo (2011).

Os dados obtidos por eles, reafirmam que os jovens da Micro-região Bragantina, no Pará, e os de Brazlândia, no Distrito Federal, usam mais a concordância, com o percentual de 61,14% para os primeiros e 64% para os últimos. A justificativa de Bortoni (2011) e Nina (1980) para tal tendência é de que os jovens estão em maior contato com a variedade linguística padrão na escola, porém, isso não se aplica no presente estudo, haja vista que os informantes, em sua maioria, possuem escolarização apenas até o 4º ano.

Assim, tais resultados percentuais revelam que os informantes das faixas I e II são os que favorecem o emprego da flexão de verbos em P6, enquanto a faixa III não demonstra tendência ao uso de CV.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o propósito de contribuir para a construção do perfil sociolinguístico da comunidade de remanescentes quilombolas de Lagoinha, reunimos aqui características relevantes relacionadas à interpretação do fenômeno da variável concordância verbal de terceira pessoa do plural.

A hipótese que orientou essa pesquisa foi a de que a concordância verbal observada na amostra de fala da comunidade de Lagoinha apresenta variação de terceira pessoa e que alguns fatores se demonstrariam relevantes para tal investigação – as duas foram comprovadas por este estudo. Outrossim, tínhamos o objetivo de averiguar se a variação na concordância verbal de P6 observada na amostra de fala desses afrodescendentes apresentaria ou não traços desse grupo social específico – neste âmbito, não foi possível comprovar tal condição.

Tomando como base a hipótese de as conclusões desta análise indicarem traços e marcas linguísticas características deste grupo social, julgamos como insuficientes para comprovar essa possibilidade, haja vista que a ocorrência da variável concordância verbal de terceira pessoa do plural presente na amostra de fala da comunidade já foi percebido em outras variedades do português brasileiro falado e escrito, como evidenciamos no decorrer desta pesquisa, mais especificamente no último capítulo.

Com relação aos fatores que delimitamos para a realização deste estudo, quatro deles se demonstraram consideráveis: a variável dependente, a variável saliência fônica, realização e posição do sujeito e concordância nominal no sujeito. As variáveis sociais sexo e faixa etária foram desconsideradas, estatisticamente, pelo Goldvarb X.

Com o auxílio da sociolinguística variacionista de Labov (2008 [1972]) e da ferramenta computacional Goldvarb X, foi possível alcançar resultados relevantes, constatando que há a ocorrência da variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural nas falas analisadas, revalidando resultados obtidos por alguns estudiosos, a exemplo de Silva (2005), com dados de amostra de fala de três comunidades do interior da Bahia e os de Almeida (2006), com dados de amostra de fala da comunidade São Miguel dos Pretos, Restinga Seca/RS, em que apontam, também, um maior percentual para o uso da variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural.

Levando em consideração os fatores linguísticos indicados pelo Goldvarb X como relevantes para auxiliarem na compreensão da variação verbal P6, constatamos, a partir das

amostras de fala recolhidas na comunidade em estudo, que a presença da variável concordância verbal de P6 corresponde a 72% das 150 ocorrências mapeadas no *corpus*.

Ao analisarmos a não marcação no uso da terceira pessoa do plural em função da saliência fônica, verificamos que no curso da aquisição das marcas de concordância verbal, os falantes da comunidade de remanescentes quilombolas de Lagoinha com pouca ou nenhuma escolaridade, tendem a adquirir as marcas que apresentam maior diferenciação entre o singular e o plural. Os dados revelaram que nas formas salientes, a não marcação se deu em 80,7% das ocorrências, enquanto nas formas não-salientes esse percentual subiu para 86,1%.

Em relação a não marcação no uso da terceira pessoa do plural em função da realização e posição do sujeito, constatou-se que quando ele aparece posposto ao verbo, há uma maior tendência a não-marcação, 85,7%, enquanto nos casos de sujeito anteposto e não-realizado obtivemos, respectivamente, 80,7% e 29,6%. Já nos casos de não marcação no uso da terceira pessoa do plural em função da concordância nominal no sujeito, verificamos que esta se dá em 92,1% dos casos de sintagma nominal sem concordância e em 65,2% dos casos de sintagma nominal com concordância.

No caso das variáveis sociais sexo e faixa etária, mesmo esse grupo de fatores tendo sido considerado não significativo estatisticamente pelo programa GOLDVARB X, podemos dizer que, no corpus analisado, o fator masculino se deu mais favorável à concordância verbal de P6, bem como a faixa etária I.

Dessa forma, fica evidente que a ocorrência da variável concordância verbal de terceira pessoa do plural é uma realidade presente na comunidade de remanescentes quilombolas de Lagoinha, em decorrência de condicionantes que influenciam o seu favorecimento. Esperamos com este trabalho ter contribuído para o conhecimento da realidade linguística dessa comunidade no que diz respeito ao fenômeno da concordância verbal.

Cabe ressaltar ainda que apesar dos resultados alcançados e mostrados acima, esta pesquisa não encerra as discussões acerca do fenômeno da variável concordância verbal nessa comunidade, pois devido as delimitações que fizemos não foi possível dar conta de outros aspectos pertinentes à esta investigação, a exemplo de fazer uma comparação entre o quadro sócio-histórico e cultural da comunidade de remanescentes quilombolas de Lagoinha com o de outras comunidades quilombolas do nosso território de identidade e expandir o quadro de grupos de fatores para uma análise mais detalhada do fenômeno da concordância verbal nessa comunidade de fala.

Com isso, percebemos que as comunidades de remanescentes quilombolas são espaços ricos em informações sociolinguísticas e histórico-sociais, pois a constituição da identidade brasileira recebeu contribuições diretas dos africanos, sendo possível perceber que as heranças linguísticas se fazem ainda mais fortes nesses locais, que por muito tempo conseguiram/conseguem preservar traços das línguas e culturas dos seus ancestrais. Assim, finalizamos este trabalho com a consciência de que parte da nossa inquietação enquanto pesquisador foi saciada, mas cabe pontuar que a caminhada está apenas iniciando e desafios maiores ainda nos aguardam.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Alessandra Preussler de. **A concordância verbal na comunidade de São Miguel dos Pretos, Restinga Seca, RS.** Dissertação de Mestrado, 2006.
- ANJOS, Sandra Espínola. **Um estudo variacionista da concordância verbo-sujeito na fala dos pessoenses.** 1999. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 1999.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa.** Rio de Janeiro: Lucerna, 2000.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Do campo para a cidade: estudo sociolinguístico de migração e redes sociais.** São Paulo: Parábola Editorial, 2011.
- CASTRO, Yeda Pessoa de. **Falares africanos na Bahia: um vocabulário afro-brasileiro.** Rio de Janeiro: ABL/TOPBOOKS, 2001.
- CASTILHO, A.T.de. **Nova Gramática do Português Brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2010.
- CUNHA, Celso. **Língua, nação, alienação.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. F. L. **Nova gramática do português contemporâneo.** 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DIAS, E.S. **Sintaxe histórica portuguesa.** Lisboa: Clássica Editora, 1970.
- FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002.
- FUNARI, P. P. A. (1996). A "República de Palmares" e a arqueologia da Serra da Barriga. **Revista USP**, (28), 6-13.
- FURTADO DA CUNHA, Angélica; TAVARES, Maria Alice. Linguística funcional e ensino de gramática. In: FURTADO DA CUNHA, Angélica; TAVARES, Maria Alice (org.). **Funcionalismo e ensino de gramática.** Natal: Editora da UFRN, 2007.
- GOMES, Flávio dos Santos. Sonhando com a Terra, Construindo Cidadania. In: PINSKI, Jaime; PINSKI, Carla Bassanezi (orgs). **História da cidadania.** 4. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais.** Rio de Janeiro: Record, 1999.
- GUY, G.R. Introdução à análise quantitativa da variação linguística. In: GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística quantitativa: instrumental de análise.** São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 19-46.
- GUY, G. **Linguistic variation in brasilian portuguese: aspects of phonology, syntax and language history.** 1981. 391 f. Tese (Doutorado em Linguística) Faculdade da Universidade de Pensilvania, Pensilvania.1981.

HALLIDAY, M.A.K. "Language structure and language function." In: LYONS, J. (ed.). **New horizons in linguistics**. Harmondsworth : Penguin Books, 1970.

IGNÁCIO, S. E. **Para uma tipologia dos complementos verbais do português contemporâneo**. 300f. Tese (Livre docência em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Campus Araraquara, 1984.

ILARI, R. **Perspectiva funcional da frase portuguesa**. 21. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

JUNG, N.M. **A concordância verbal no português falado (brasileiro) no município de Missal/PR**. Monografia, 2000.

LABOV, William. **Padrões Sociolinguísticos**. [Trad. Marcos Bagno e Maria Marta Pereira Scherre]. São Paulo: Parábola, 2008[1972].

LABOV, William. **Principles of linguistic change**. Oxford/Cambridge. Blackwell, 1994.

LIMA, Carlos Henrique. **Gramática normativa da Língua Portuguesa**. 21. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

LUCCHESI, Dante. **A variação na concordância de gênero em uma comunidade de fala afro-brasileira**: novos elementos sobre a formação do português popular do Brasil. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa). Faculdade de Letras. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2000.

LUCCHESI, D. **Parâmetros sociolinguísticos do português brasileiro**. Revista da ABRALIN, v. 5, n. 1 e 2, p. 83-112, dez 2006.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A. A transmissão linguística irregular. In: LUCCHESI, D., BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (org.). **O Português Afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009, pp. 101-024.

LUCCHESI, Dante. História do contato entre línguas no Brasil. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. (Org.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009. p. 41-73.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; SILVA, Jorge Augusto Alves da. A concordância verbal. In: LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. (org.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009. Cap. 14, p. 331-371.

LUCCHESI, Dante; BAXTER, Alan; RIBEIRO, Ilza. (org.). **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.

MATTOS E SILVA, R. V. "**O português são dois...**": novas fronteiras, velhos problemas. São Paulo: Parábola, 2004.

MEIRA, Vivian. O português falado no Brasil: evidências sócio-históricas. In: MEIRA, Vivian. (Org.). **Português Brasileiro: Estudos funcionalistas e sociolinguísticos**. Salvador: EDUNEB, 2009.

MICHEL, Maria Helena. **Metodologia e pesquisa científica em ciências sociais**: um guia prático para acompanhamento da disciplina e elaboração de trabalhos monográficos. São Paulo: Atlas, 2005.

MOURA, Clóvis. **Os quilombos e a rebelião negra**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1984.

MOURA, D. A concordância sujeito-verbo na língua falada em português brasileiro e em francês contemporâneo. **Revista da FAEEBA**, Salvador, n. 15, p.69-73, jan./jun., 2001.

NARO, Anthony Julius; SCHERRE, Maria Marta Pereira (org.). **Origens do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NARO, Anthony Julius. The social and structural dimensions of syntactic change. **Language**, v. 57, n.1, p. 63-98, 1981.

NARO, Anthony Julius; LEMLE, Miriam. **Syntactic diffusion**. Papers from Parasession on Diachronic Syntax, 221-239. Chicago: Chicago Linguistic Society CLS (Reprinted in *Ciência e Cultura*, 1976, v. 29. n. 3, p. 259-268, mimeo).

NINA, Terezinha de J. C. **Concordância nominal/verbal do analfabeto na Microrregião Bragantina**. Dissertação (Mestrado em Lingüística), PUC-RS, Porto Alegre, 1980.

OLIVEIRA, J. M. **O futuro da língua portuguesa ontem e hoje**: variação e mudança. 2006. 254f. Tese de doutorado. Faculdade de Letras, Universidade do Estado Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

PERINI, M. **Sofrendo a gramática**. São Paulo: Ática, 2001.

PERINI, M.A. **Gramática do Português Brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro**: A formação e o sentido de Brasil. Companhia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Moisés Batista. **Comunidade quilombola de Lagoinha**: uma análise do léxico na fala dos comunitários. 2011. Monografia. Universidade do Estado da Bahia, Irecê.

REIS, J. J.; GOMES, F. dos S. (Org.). **Liberdade por um fio**: história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

RODRIGUES, Ângela. **Língua e contexto sociolinguístico**: concordância verbal no português popular de São Paulo: Tendências atuais no estudo da língua falada. Araraquara: UNESP, 1992, ano 6. n.2.

RODRIGUES, A. C. S. **A concordância verbal no português popular em São Paulo**. 1987. 259 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

RODRIGUES, Raimundo Nina. **Os africanos no Brasil**. 2. ed. São Paulo, Companhia Editora Nacional, (2004)[1935].

SAPIR, Edward (1949 [1921]). **Language** – an introduction to the study of speech. New York: Harcourt, Brace & World, Inc.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. **Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no português popular do Brasil**. Delta, v.9, n.1,1993, p.1-4.

SCHERRE, M. M. P.; NARO, A. J. A concordância de número no português do Brasil: um caso típico de variação inerente. In: D. da HORA (org.) **Diversidade lingüística no Brasil**. João Pessoa: Idéia,1997 p. 93-114.

SCHERRE, Maria Marta Pereira; NARO, Anthony Julius. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In RUFFINO, Giovanni (Org.) **Dialettologia, geolinguística, sociolinguística**. (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 5:509-523, 1998.

SILVA, Jorge Augusto da. **A concordância verbal de terceira pessoa do plural no português popular do Brasil: um panorama sociolinguístico de três comunidades do interior do estado da Bahia / por Jorge Augusto da Silva**. – 2005.

SILVA NETO, S. **História da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Presença, 1986b.

SILVA NETO, Serafim da. **Introdução ao estudo da Língua Portuguesa no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1963.

TARALLO, Fernando. **A Pesquisa Sociolinguística**. São Paulo: Ática, 1986.

TEYSSIER, P. **Manual de língua portuguesa**. Tradução de Margarida Chorão Carvalho. Coleção linguística. Coimbra: Coimbra Editora, 1989.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William e HERZOG, Marvin. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].